



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO COMUNICAÇÃO, CULTURA E AMAZÔNIA
MESTRADO ACADÊMICO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

ADISON CESAR SOUSA DOS SANTOS

FOLIÕES MENSAGEIROS: memórias e narrativas das comitivas de esmolação do
Glorioso São Benedito de Bragança/PA

BELÉM – PARÁ
2022

ADISON CESAR SOUSA DOS SANTOS

FOLIÕES MENSAGEIROS: memórias e narrativas das comitivas de esmolação do
Glorioso São Benedito de Bragança/PA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
Comunicação, Cultura e Amazônia, da Universidade
Federal do Pará, como requisito parcial à obtenção do
título de Mestre em Ciências da Comunicação.
Linha de Pesquisa: Comunicação, Cultura e Socialidades
na Amazônia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Vania Torres Costa.

BELÉM – PARÁ
2022

SANTOS, Adison Cesar Sousa dos

Foliões Mensageiros: memórias e narrativas das comitivas de esmolação do Glorioso São Benedito de Bragança/PA /Adison Cesar Sousa dos Santos. Belém: UFPA, 2022.

94 f.; il.

Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal do Pará. Belém, 2022.

1. Comitivas de esmolação 2. São Benedito 3. narrativas.

I. Título.

C.D.D. 302.2

ADISON CESAR SOUSA DOS SANTOS

FOLIÕES MENSAGEIROS: memórias e narrativas das comitivas de esmolação do
Glorioso São Benedito de Bragança/PA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
Comunicação, Cultura e Amazônia, da Universidade
Federal do Pará, como requisito parcial à obtenção do
título de Mestre em Ciências da Comunicação, na área de
concentração de Comunicação.

RESULTADO: () APROVADO () REPROVADO

Data: __/__/__

Profa. Dra. Vânia Torres Costa
(Orientadora – UFPA)

Profa. Dra. Rosaly de Seixas Brito
(PPGCOM/UFPA)

Profa. Dra. Edgar Monteiro Chagas Junior
(PPGCLC/UNAMA)

Profa. Dra. José Guilherme dos Santos Fernandes
(PPGEAA/UFPA)

BELÉM – PARÁ
2022

Aos meus pais, Doralice Santos e Manoel
Ferreira (*in memoriam*).
Em memória de Teodoro Ribeiro, meu tio, ex-
capitão da Marujada.

AGRADECIMENTOS

Produzir pesquisa durante uma crise sanitária mundial foi, sem dúvida, o maior desafio desta dissertação. Por isso, agradeço a toda a rede de apoio e acolhimento que recebi durante esse período. Todas as palavras, abraços e escutas foram fundamentais para amenizar as angústias vividas na pandemia.

Obrigado aos meus pais, Doralice e Manoel (*in memoriam*), por sempre acreditarem e apoiarem os meus sonhos. Força e amparo de todas as horas, nas grandes e pequenas decisões.

Aos meus irmãos, Naza, Graça, Leide e Nilton, pelo carinho e incentivo nessa dolorosa e deliciosa caminhada.

À minha vó Almerinda, pelos lindos momentos e diálogos sobre memórias.

À Iranilde Siqueira, Gê Dias, Aletheia Vieira, Yorranna Oliveira e Gledson Gomes, cúmplices de afeto e testemunhas dos desabafos durante essa travessia.

À minha Orientadora, Profa. Dra. Vânia Maria Torres Costa, pelas disciplinas e leituras ofertadas, pelo estímulo, compreensão, acolhimento, paciência e principalmente pela amizade construída durante a pesquisa.

Aos amigos dos grupos de pesquisa Narramazônia e Narracom, em especial à Edmê, Alcione, Leonardo e Hericley. Companheiros fundamentais nessa jornada de pesquisa.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia, em especial à Profa. Dra. Rosaly Brito, por todos os ensinamentos e incentivo.

À banca examinadora, pelo aceite do convite e leitura atenciosa do trabalho.

A todos os devotos de São Benedito que compartilharam suas memórias neste trabalho.

Em especial, a todos os foliões das comitivas do Glorioso São Benedito de Bragança, protagonistas desta dissertação.

RESUMO

O objetivo desta dissertação é compreender os processos de interação das comitivas de esmolação do Glorioso São Benedito de Bragança, município do nordeste paraense, suas memórias e narrativas. Caracterizada como uma manifestação de resistência da cultura popular na Amazônia Paraense, marcada pela sonoridade e o hibridismo entre o sagrado e o profano, esses grupos se configuram por meio de uma prática conhecida como esmolação do santo, na qual três cortejos, formados majoritariamente por homens, percorrem diversas localidades circunvizinhas à cidade de Bragança, situada a 210 quilômetros de Belém, levando imagens de São Benedito para as casas de devotos da região com cantos e orações, recepcionados em clima de festa. Para compreender a constituição da memória e das narrativas presentes nessa manifestação, a pesquisa utiliza as teorias de Le Goof (2003) e Motta (2013). Em relação à origem da devoção beneditina, significados, simbologias e conceitos desse rito tanto para os membros das comitivas como para os devotos do santo, o trabalho se sustenta dos estudos de Silva (1997), Eliade (2010) e Fernandes (2011), além de outros autores que retratam a construção das representações sociais.

Palavras-chave: comitivas de esmolação; São Benedito; memória; narrativas.

ABSTRACT

The objective of this dissertation is to understand the interaction processes of the almsgiving delegations from the Glorioso São Benedito from Bragança, city in the northeast of Pará state, their memories and narratives. Characterized as a manifestation of resistance of popular culture in the Amazon, marked by sonority and the hybridity between the sacred and the profane, these groups are configured through a practice known as almsgiving of the saint, in which three processions, formed mostly by men, they travel to various locations around the city of Bragança, located 210 kilometers from Belém, taking images of São Benedito to the houses of devotees in the region with songs and prayers, received in a festive atmosphere. To understand the constitution of memory and narratives present in this manifestation, the research will use the theories of Le Goof (2003) and Motta (2013). Regarding the origin of Benedictine devotion, meanings, symbologies and concepts of this rite both for members of the delegations and for the saint's devotees, the work will draw on studies by Silva (1997), Eliade (2010) and Fernandes (2011), in addition to other authors who portray the construction of social representations.

Keywords: commemoration of Saint Benedict; memoirs; narratives.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Imagens peregrinas de São Benedito conduzidas pelos foliões	12
Figura 2 - Largo São Benedito (à esquerda) e Museu da Marujada durante o período da festividade do santo em 2020 (à direita)	15
Figura 3 - Cais do porto da cidade de Bragança e rio Caeté	18
Figura 4 - Barracão da Marujada	29
Figura 5 - João Batista da Silveira, ex-encarregado do ritual de esmolação	33
Figura 6 - Mapa da área de movimento da esmolação de São Benedito, a partir do município de Bragança	35
Figura 7 - Comitiva de São Benedito da Praia	39
Figura 8 - Bandeiristas da Comitiva da Praia	40
Figura 9 - José Moraes de Brito, o Zezinho, ao lado do filho, com os instrumentos que ele confecciona em casa	43
Figura 10 - Foliões responsáveis pela musicalidade das comitivas	44
Figura 11 - Chegada da Comitiva da Praia via procissão fluvial	46
Figura 12 - Entrada da Comitiva da Praia na Igreja de São Benedito	48
Figura 13 - Altar montado pelos devotos que recebem São Benedito	51
Figura 14 - Reza da Comitiva da Praia na comunidade Camutá, em Bragança	56
Figura 15 - Largo de São Benedito, no dia 26 de dezembro de 2020	63
Figura 16 - Marujos e Marujas dançando no barracão da Marujada, em 2019, com o tradicional traje usado no dia de Natal	64

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Relação de entrevistados na pesquisa de campo em Bragança/PA	31
---	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
O caminho metodológico	13
1 DEVOÇÃO AO SANTO PRETO	16
1.1 O local do ritual: Amazônia Atlântica	18
1.2 O início da devoção	19
1.3 A Irmandade de São Benedito: entre conflitos e resistência	23
2 BANDEIRAS CRUZANDO O VENTO	31
2.1 Os construtores da devoção	31
2.2 O ritual de devoção e peregrinação	34
2.3 As comitivas de São Benedito	40
2.4 Cultura popular, religiosidade e hibridismo	49
3 INTERAÇÃO, MEMÓRIA E NARRATIVAS	54
3.1 Processos de Interação	55
3.2 Memória e identidade	58
3.3 Interações entre bênçãos e emoções: as ausências da pandemia	62
3.4 Narrativas de devoção	67
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
REFERÊNCIAS	72
ANEXO A – Roteiro de perguntas direcionadas aos entrevistados da pesquisa ..	76
ANEXO B – Cartaz das Festividade de São Benedito de 2020 – primeiro ano da pesquisa de campo	79
ANEXO C – Cartaz das Festividade de São Benedito de 2021 – segundo ano da pesquisa de campo	80
ANEXO D – Solicitação de resposta direcionada à paróquia Nossa Senhora do Rosário, em Bragança/PA, responsável pela administração da Festividade de São Benedito	81
ANEXO E – Solicitação de resposta direcionada à assessoria de comunicação da Secretaria Municipal de Cultura de Bragança/PA	82
ANEXO F – Estatuto da Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança	83

INTRODUÇÃO

Todo conhecimento é auto-conhecimento.

Boaventura de Sousa Santos (2008)

A frase do autor Boaventura de Sousa Santos, presente no livro *Um discurso sobre as ciências*, resume bem a trajetória desta pesquisa. Com a citação, Santos (2008) afirma que todo fazer científico, seja no eixo da ciência social ou natural, é subjetivo e, portanto, autobiográfico. Para o autor, o objeto investigado é o prolongamento do sujeito. E como o pesquisador não vive numa “bolha”, sem contato com a realidade, a escolha do objeto investigado jamais se dará de forma aleatória e imparcial.

Esta dissertação é, antes de qualquer coisa, uma possibilidade de retorno às minhas memórias afetivas. Diferente da teoria positivista que prega a ideia de um investigador indiferente, camuflado por uma neutralidade inatingível, o “paradigma emergente” defendido por Boaventura propõe que o pesquisador reconheça o seu “lugar de fala”. Afinal, esta pesquisa parte de alguém, de um lugar e de um contexto que é atravessado por inúmeras subjetividades.

Compreender esses questionamentos é fundamental para entender que os sujeitos investigados não são meros objetos, por exemplo. A minha familiaridade com a devoção a São Benedito e as manifestações de cultura popular existentes no município de Bragança, nordeste paraense, existe desde que eu me entendo por gente. Cresci e vivi no meio desses rituais em homenagem ao santo preto. Durante a minha infância e adolescência são muitas as lembranças que tenho do som de tambores e do balançar de bandeiras das comitivas de esmolação que passavam em frente da minha casa, na avenida Polidório Coelho, bairro do Taíra.

Ao trazer a reflexão do Boaventura para a minha pesquisa, eu percebo exatamente o que o autor fala sobre o processo de autoconhecimento. E a escolha do observável não foi à toa. A sonoridade dos tambores e das cantigas produzidas pelos sujeitos da minha pesquisa estão presentes nas minhas memórias afetivas e não há como negar essa subjetividade.

A partir desse contexto, esta dissertação busca analisar as comitivas de esmolação do Glorioso São Benedito de Bragança com base nas memórias e narrativas inseridas na manifestação. Esses grupos se caracterizam por três comissões formadas por devotos do santo, a maioria¹ do gênero masculino, que saem anualmente entre final de abril e início de maio da cidade de Bragança, distante 210 km de Belém, para percorrerem a região bragantina levando

¹ Utilizo as expressões “majoritariamente” ou “a maioria” porque, apesar das 3 comitivas que saem da Igreja de São Benedito para os 8 meses de esmolação serem compostas apenas pelo gênero masculino, existe relatos de mulheres que se juntam às comitivas para peregrinarem como folionas em algumas casas de comunidades do interior de Bragança. Essa dinâmica é descrita em mais detalhes no tópico 3.3 do capítulo 3.

as imagens peregrinas do santo (Figura 1) de casa em casa, angariando donativos para a festa de São Benedito, em dezembro².

Figura 1 – Imagens peregrinas de São Benedito conduzidas pelos foliões.



Fonte: Acervo pessoal. Adison Santos, 2020.

Denominadas de comitivas de “São Benedito da Colônia”, “São Benedito dos Campos” e “São Benedito da Praia”, cada grupo é responsável por percorrer a sua área geográfica específica. Vale destacar que o fato dessas comitivas saírem da cidade nos meses descritos acima obedece a um significado. “É a partir de maio que as águas começam a baixar, bem como o índice de chuvas diminuir na região, facilitando assim a visita dos foliões³ e do Santo às casas dos ‘irmãos’” (SILVA, 1997, p. 5). Desse modo, toda a peregrinação das esmolações é realizada no período conhecido popularmente como verão amazônico.

O título do trabalho *Foliões Mensageiros* é uma referência à música homônima do disco *Caeté Camará*⁴, do grupo Arraial do Pavulagem, que retrata a sonoridade das culturas populares do Norte brasileiro. A canção descreve as andanças das comitivas do santo pela região bragantina e mostra o hibridismo do lúdico com o sagrado, tão característico no ritual da Esmolação de São Benedito, marcado pela devoção e diversão dentro de um mesmo espaço. São duas coisas inseparáveis, como defende Silva (1997), ao relatar que durante a manifestação das comitivas de esmolação, em Bragança, a súplica a São Benedito assume a forma de louvor e de lazer ao mesmo tempo.

² O ápice da Festividade ocorre entre os dias 18 a 26 de dezembro, sendo este último o ponto culminante da festa, dia em que é realizada a procissão de São Benedito pelas ruas da cidade.

³ Nome como são chamados os integrantes das comitivas de esmolação.

⁴ Lançado em 2018, “Caeté Camará” é o último álbum do grupo Arraial do Pavulagem. Além da música “Foliões Mensageiros”, o disco conta com mais 11 canções que reverenciam a tradição dos folguedos e as festas de rua do norte brasileiro. Toadas de boi, banguês, carimbós, xotes, marabaixo e guitarrada imprimem a sonoridade do projeto fonográfico. Acesse o link <https://www.youtube.com/watch?v=kg18HxDLbZA> e ouça o disco completo.

Para investigar e compreender as práticas dessas comitivas em seus espaços de sociabilidade e experiência cultural na Amazônia Paraense, este estudo se constitui a partir da seguinte problemática: Quais significados são produzidos pelos foliões desse ritual em seus processos de interação no município de Bragança, no Pará?

A partir desse questionamento, esta dissertação tem como objetivos: identificar os significados inseridos nesses grupos a partir das memórias e narrativas de seus próprios construtores; compreender como os produtores desse ritual projetam suas identidades nessas comitivas e refletir de que maneira a pandemia afetou a festividade.

O caminho metodológico

A princípio este trabalho se utilizaria da etnografia como metodologia da pesquisa, mas devido às mudanças provocadas pela pandemia, principalmente em relação às recomendações das autoridades sanitárias sobre evitar ao máximo as aglomerações, tão características do ritual de esmolação, resolveu-se alterar a metodologia proposta anteriormente. O método etnográfico foi substituído pelas entrevistas em profundidade, seguindo os preceitos da História Oral de Meihy e Holanda (2007), com os devotos de São Benedito e produtores das comitivas de esmolação.

Segundo Meihy e Holanda (2007), o método consiste em validar as experiências que não estão registradas em documentos escritos ou quando estão apresentam uma mensagem de valor subjetivo. Para os autores, há pelo menos três tipos de História Oral: a de Vida, a Temática e a Tradição Oral, todas atravessadas por relatos individuais e/ou coletivos que permitem uma reflexão modificada das documentações escritas.

Meihy e Holanda (2007) explicam que a História Oral de Vida (HOV) reconstitui a narrativa a partir da trajetória existencial de uma pessoa; a História Oral Temática (HOT) gira em torno de um tema central; já a Tradição Oral (TO) funciona como uma prática que deriva dos contatos com grupos onde as tradições superam os espaços biográficos, como é o caso dos sujeitos analisados nesta pesquisa.

De acordo com Meihy e Holanda (2007), a Tradição Oral, escolhida para esta dissertação é, dentre todas as modalidades de HO, a mais próxima da etnografia. “Viver junto ao grupo, estabelecer condições de apreensão dos fenômenos de maneira a oferecer a melhor tradução possível do universo mítico do segmento é um dos segredos da tradição oral” (MEIHY; HOLANDA, 2007, p. 40).

Os autores explicam que a análise a partir da TO demanda um tempo considerável do pesquisador, pois implica em observações constantes, conhecimento do universo mitológico e descrições minuciosas do comportamento dos interlocutores, do cotidiano e da cultura do objeto/comunidade em estudo e o reconhecimento destes. Com base nesses conceitos, esta pesquisa foi construída em quatro visitas ao município de Bragança-PA e entrevistas de longa duração com 8 atores sociais relacionados ao campo da devoção beneditina, sendo 4 foliões e 4 devotas de São Benedito.

A equidade de gêneros na composição do grupo investigado foi proposital. Como a pesquisa identificou que não existe nenhuma mulher nas comitivas de esmolação, decidimos que todos os devotos que recebem as comitivas em casa precisavam necessariamente ser do gênero feminino para demarcar a equidade e diversidade das vozes ouvidas na investigação.

As visitas ao município de Bragança foram divididas em diferentes períodos: dezembro de 2020, março, agosto e dezembro de 2021. A decisão de registrar as narrativas dos sujeitos investigados em quatro etapas durante o período de um ano seguiu as orientações de Meihy e Holanda (2007) a respeito da demanda de tempo exigida pela Tradição Oral. Afinal, as perguntas só seriam respondidas da maneira mais detalhada possível após a consolidação de um ambiente de confiança entre os devotos do santo e o pesquisador.

A construção do roteiro de perguntas (ver Anexo A) levou em consideração a história pessoal de cada sujeito investigado. A primeira etapa foi direcionada às experiências e memórias afetivas que cada um tem e construiu com o santo. A segunda fase explorou as motivações que os levaram a ser devotos/as do santo. A terceira foi direcionada para compreender a permanência do ritual de esmolação na vida de cada entrevistado. E a última etapa procurou entender de que maneira a pandemia atravessou cada devoto do santo e interferiu na manifestação.

É válido destacar que mesmo com todas as práticas de devoção a São Benedito em Bragança interrompidas pela pandemia em 2020, uma interrupção inédita em 222 anos da festa, decidimos manter a agenda da primeira etapa da pesquisa de campo e em dezembro daquele ano visitei o município. Já na primeira visita, entrevistei os 8 atores sociais escolhidos e fiz registros fotográficos do Museu da Marujada e do largo de São Benedito (Figuras 2), na cidade. Locais que em anos anteriores concentravam uma multidão de devotos do santo, e entre eles os integrantes das comitivas, estavam completamente vazios.

Figura 2 - Largo São Benedito (à esquerda) e Museu da Marujada durante o período da festividade do santo em 2020 (à direita).



Fonte: Acervo pessoal. Adison Santos, 2020.

O vazio retratado nas imagens acima me marcou bastante e representa o inverso de todas as lembranças da festividade de São Benedito que carrego na memória. Conhecida pelo colorido das ruas, multidão de devotos, clima festivo, reencontros de amigos e familiares, rezas, danças e alegria, a festividade de São Benedito de Bragança, ocorrida entre os dias 18 a 26 de dezembro foi substituída pelo silêncio em 2020.

O cenário em nada lembrava a festa dos anos anteriores. Nos dias 25 e 26 dezembro de 2020, as sonoridades da festa foram caladas. As danças de marujos em forma de agradecimento ao santo e as aglomerações de turistas e devotos ao redor do barracão da Marujada foram trocadas pelo vazio provocado pelo isolamento social. É nesse contexto que inicio a primeira etapa das entrevistas com os atores sociais que fundamentam esta pesquisa.

Para analisar os processos narrativos dos foliões, este trabalho também se utilizou dos aportes teórico-metodológicos da Análise Crítica da Narrativa, elencados por Luiz Gonzaga Motta (2013), que propõe três instâncias de análise narrativas, descritas detalhadamente no quarto capítulo deste trabalho: plano da expressão (discurso); plano da estória (conteúdo) e plano da metanarrativa (tema de fundo).

Além do estudo narrativo a partir dos relatos dos devotos de São Benedito e produtores das comitivas de esmolação, esta dissertação tem como base um rico acervo bibliográfico. Esse procedimento pretende cumprir o papel de dialogar com o referencial teórico já publicado sobre essa manifestação. Para a materialização do projeto, o trabalho também se utilizou de entrevistas semiabertas com atores envolvidos – membros da comissão de esmolação, moradores de comunidades rurais de Bragança, moradores da sede do município, devotos do santo, integrantes da igreja católica – a partir de um roteiro semiestruturado balizador, buscando apreender as expectativas, percepções, significados e sentidos dos sujeitos da pesquisa.

Para a melhor compreensão da temática apresentada, a dissertação está subdividida em três capítulos. O primeiro, denominado *Devoção ao santo preto*, analisa o histórico da devoção

por São Benedito no município de Bragança e demais localidades da região. Dentro desse contexto, destaco as estratégias de resistência dos negros escravizados no século XVIII e o papel das irmandades de homens pretos como elemento de propagação da crença no santo preto na região. Para isso, a pesquisa será ancorada nos estudos do antropólogo Dedival Brandão da Silva (1997), do folclorista Bordallo da Silva (1959) e dos historiadores Ubiratan Rosário (2000) e Nonato da Silva (2006).

No segundo, *Bandeiras cruzando o vento*, destaco a dinâmica de funcionamento, espacialidade, sociabilidade e o organograma das comitivas de esmolação do Glorioso São Benedito de Bragança. Além de pormenorizar o *corpus* de pesquisa da dissertação, este capítulo também apresenta quem são os sujeitos que constroem o ritual de esmolação. Para compreender melhor esse processo de interação, o trabalho utiliza as referências teóricas de José Guilherme Fernandes (2011) e Larissa Fontinele de Alencar (2014).

O terceiro capítulo, intitulado *Interação, memórias, narrativas*, busca explicar os processos de interação e apreender os sentidos de narrativas orais dos esmoladores de São Benedito. A partir da análise crítica da narrativa de Luiz Gonzaga Motta (2013), o trabalho almeja mostrar como esses relatos constroem a memória coletiva do ritual. Além disso, a escuta atenta dos entrevistados vai permitir compreender como a memória é acionada para a construção de identidades e ressignificações do grupo de foliões.

1 DEVOÇÃO AO SANTO PRETO

Neste capítulo será apresentado o histórico da devoção por São Benedito no município de Bragança e demais localidades circunvizinhas, pertencentes à Região de Integração do Caeté⁵. Dentro desse contexto, destacaremos as estratégias de resistência dos negros escravizados no século XVIII e o papel das irmandades de homens pretos como elemento de propagação da crença em São Benedito na região.

A partir de um relato histórico e sociogeográfico do território investigado, o tópico que abre o primeiro capítulo tem a finalidade de apresentar e contextualizar o local onde ocorre o ritual de esmolação do Glorioso São Benedito. Com base na compreensão socioespacial do lugar, a pesquisa ressaltará os elementos étnicos que formam a população da região bragantina, com seus costumes e tradições que se fazem permanentes até os dias de hoje.

⁵ De acordo com as informações disponíveis no site da Secretaria de Planejamento e Administração do estado Pará (SEPLAD), a região de Integração do Caeté é formada por 15 municípios do nordeste paraense.

Este capítulo também ressalta a resistência negra e o papel da cultura afrodescendente na construção da devoção beneditina na região. Criada por negros escravizados no ano de 1798, segundo Silva (1997), no auge da escravidão no Brasil, a Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança surge como um marco para a propagação de referências ancestrais e sociabilidade dos negros cativos da época, ainda que escamoteada por ritos católicos.

Ao longo dos relatos descritos abaixo, que também destacam as tensões e conflitos vividos pela Irmandade de São Benedito, o primeiro capítulo deste estudo revela ainda que, mesmo com a hegemonia dos ritos católicos, o culto a São Benedito em Bragança é carregado de memórias trazidas de terreiros africanos, principalmente com a introdução das danças e dos tambores.

1.1 O local do ritual: Amazônia atlântica

Fundado no século XVII, o município de Bragança, localizado a 210 quilômetros de Belém, é um dos mais antigos do Pará. Segundo Nonato da Silva (2006), os franceses foram os primeiros brancos a conhecerem a região habitada no ano de 1613 por indígenas da etnia Tupinambás. Mas somente anos mais tarde, com a criação do primeiro núcleo populacional organizado por portugueses que a cidade passou a se desenvolver economicamente nos moldes europeus, sendo elevada à categoria de vila em 1763.

Situada às margens do rio Caeté (Figura 3) e próxima ao litoral, em uma zona de transição onde o rio encontra o mar, chamada de Amazônia Atlântica, a cidade possui uma rica geografia que lhe permite alicerçar sua economia na exportação de pescado e na agricultura ao mesmo tempo. Com uma área de 2.124,734 Km² e uma população estimada em aproximadamente 130 mil habitantes⁶, a cidade abriga um leque de manifestações culturais muito peculiar, adquirido pela miscigenação de etnias diversas: populações originárias, brancos europeus e negros africanos.

⁶ Estimativa populacional fornecida pelo IBGE em 2021. Fonte: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pa/braganca.html> Acesso em: 09 Jan. 2022



Fonte: Acervo pessoal. Adison Santos, 2020.

A localização estratégica entre os estados do Pará e Maranhão facilitou durante muitos anos a entrada de vários migrantes na cidade, principalmente nordestinos vindos dos estados do Ceará e Maranhão. Este fato foi determinante para a formação da identidade “Caeteuara”, expressão derivada da palavra Caeté, rio que banha o município e que na língua Tupi significa “mato bom”.

Nesse sentido, Rosário (2000, p. 31) é bastante pertinente ao descrever a formação da sociedade Caeteuara:

A sociedade Caeteuara – “Sociedade da Farinha”, em oposição à “Sociedade do Látex” referente à Amazônia da borracha – formou-se paralela, porém atrelada ao processo de formação da sociedade amazônica durante, sobretudo, a conquista e a dominação política e cultural, tendo, todavia, o processo bragantino percorrido marginal à generalização do extrativismo de toda a Amazônia, visto que a Sociedade Caeteuara escapa a essa modalidade produtiva, pois emergiu em função de sua produção agrícola, especializando-se no fornecimento de gêneros alimentícios num primeiro plano como farinha e feijão e num segundo plano fumo e pesca.

O município viveu uma fase de pleno desenvolvimento econômico durante os anos de 1908 a 1965, período em que funcionou a estrada de ferro Belém-Bragança. Construída com o objetivo de escoar a produção agrícola da Zona Bragantina para a capital do Estado, conforme explica Rosário (2000), a estrada de ferro de Bragança assegurou durante essa época toda a exportação e valorização dos produtos da roça, contribuindo para o desenvolvimento econômico da região, sobretudo, na primeira metade do século XX.

As mudanças proporcionadas pelo ciclo ferroviário vivido pela cidade neste período são descritas por Nonato da Silva (2006, p. 18) da seguinte maneira:

A sociedade bragantina formada antes por índios, padres e colonos, depois por senhores, escravos e também padres, passou a ser, na fase ferroviária (1908 – 1966), a sociedade de proprietários de plantações e de “sítios”, sociedades de trabalhadores, cablocos – os cablocos dos sítios – que eram, na verdade, os mais autênticos portadores do rico folclore bragantino, da cavallhada à marujada, do Boi-bumbá ao xote, institucionalizadas pelas irmandades religiosas, enfatizando-se a do Glorioso São Benedito.

A extinção da estrada de ferro por um decreto militar em 1964 provocou uma queda brusca no desenvolvimento econômico, político e social da cidade de Bragança. “A cidade esvaziou-se grandemente, chegando a merecer em tempos mais tardes, pelos nativos, o epíteto de ‘a cidade do já teve’” (SILVA, 1997, p. 33). A expressão descrita pelo antropólogo se refere aos diversos serviços e órgãos do governo que saíram da cidade após o fechamento da estrada de ferro como hotéis e consulados, por exemplo.

1.2 O início da devoção

Segundo o antropólogo Dedival Brandão da Silva (1997), a devoção a São Benedito no município de Bragança, nordeste do Pará, tem sua provável origem no final do século XVIII, auge do período escravocrata. A devoção inicia oficialmente com o Primeiro Compromisso ou Estatuto da Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança (IGSBB). O documento, assinado no dia 3 de setembro de 1798, estabelece no seu primeiro artigo que “A Irmandade do Glorioso São Benedito desta cidade será composta de pardos e pretos de ambos os sexos”.

O historiador Ubiratan Rosário (2000) explica que o culto ao santo preto chegou às margens e cercanias do rio Caeté, principal rio da região bragantina, através dos colonizadores leigos europeus e não do Clero, como acontecia no caso de outros santos católicos. Esse diferencial, segundo Rosário (2000), é determinante para a criação da Irmandade de São Benedito em Bragança. Outro fator decisivo é a identificação imediata dos negros escravizados com a cor e a história do santo preto.

“No Brasil, São Benedito obteve imediata devoção, uma vez identificado com os negros escravos necessitados de socorro e consolação. Santo de pais africanos, tinha na Itália, fama de taumaturgo, fama que se espalhou pelo Brasil, atingindo as senzalas” (ROSÁRIO, 2000, p. 207). É nesse cenário de santo milagroso e padroeiro dos pretos, pobres e oprimidos que os negros escravizados da então Vila de Bragança⁷ abraçam essa devoção.

Conforme reitera Rosário (2000), o santo agigantou-se, sendo visto como um irmão negro. Por isso, os cativos sentiram a necessidade de irmanarem-se nessa identificação humana e divina do santo. Alencar (2014) destaca que a representação de São Benedito durante o período escravocrata surge notadamente para o apaziguamento dos negros, numa relação de

⁷ O município de Bragança só foi elevado à categoria de cidade no ano de 1854, através de resolução sancionada pelo então Presidente da Província, o Conselheiro Sebastião do Rego Barros.

identificação através das origens do santo, filho de escravos, aflorando um sentimento de pertencimento étnico-cultural.

Dessa forma, a representação simbólica da imagem do santo preto na Irmandade do Glorioso São Benedito, em Bragança, “possui uma força que vai além da religião católica, nuances da cultura afrodescendente também são observáveis e agregam sentidos a devoção ao santo” (ALENCAR, 2014, p. 31). Neste quesito, é válido citar aqui o conceito de representação simbólica descrito por Stuart Hall (2016, p. 31). Segundo o autor, “representação é uma parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura. Representar envolve o uso de linguagem, de signos e imagens que significam ou representam objetos”.

Hall (2016) explica que existem três abordagens ou teorias que determinam como funcionam as representações sociais: a reflexiva, a intencional e a construtivista. Na abordagem reflexiva, o significado está no objeto, pessoa, ideia ou evento do mundo real e a linguagem funciona como um espelho que reflete o verdadeiro significado, sendo que este já existe no mundo.

A abordagem intencional ocorre quando o interlocutor/autor impõe ao mundo, através da linguagem, seu significado único. Para Hall (2016), esta abordagem é falha, pois cada um de nós “não pode ser a única fonte de significados de uma linguagem, uma vez que isso significaria que poderíamos nos expressar em linguagens inteiramente particulares” (HALL, 2016, p. 48).

A terceira abordagem, chamada de construtivista, atesta que nem as coisas nelas mesmas, nem os usuários individuais podem determinar e fixar os significados na linguagem. “As coisas não significam: nós construímos sentido, usando sistemas representacionais – conceitos e signos” (HALL, 2016, p. 48). Portanto, nesta abordagem, são os atores sociais que usam os sistemas conceituais, linguísticos e representacionais para construir significados e comunicar sobre o mundo.

Alencar (2014) reforça que a senzala era o único lugar em que se podiam reproduzir os cultos africanos, seus terreiros e rituais com danças e sonoridades particulares. Portanto, a estratégia dos negros escravizados na época, de tomarem para si um culto mais abrangente, em um espaço em que pudessem sair de suas restrições, só poderia ocorrer diante da religião dos dominadores, ou seja, o Catolicismo. Desta forma, “os negros pós-diáspora⁸ ressignificavam os

⁸ A palavra diáspora é de origem grega e significa dispersão. Aplicada inicialmente com o movimento espontâneo de judeus pelo mundo, atualmente aplica-se também à desagregação, tráfico de escravos que espalhou negros africanos por todos os continentes. De acordo com Nei Lopes (2004, p. 236): “O termo ‘Diáspora’ serve também

ícones da ortodoxia católica, se apropriando em parte de uma concessão de liberdade para reproduzirem significativamente os sentidos dos cultos que prestavam nas suas origens africanas” (ALENCAR, 2014, p.31).

Nesse cenário, a figura de um santo negro surge como um elemento unificador, integrando o ritual católico aos ritos originários pré-diáspora. Para Alencar (2014), a imagem do santo passa a assumir “uma conotação de proximidade com o sagrado e o que, talvez, fosse mais respeitável para uma atmosfera religiosa em que não se consentia a espiritualidade de ascendência africana” (ALENCAR, 2014, p. 31). Por outro lado, os senhores utilizavam a organização da irmandade como uma estratégia política, pois, temiam as ameaças crescentes das revoltas de escravos e as fugas para os quilombos.

O folclorista Armando Bordallo da Silva (1974), um dos principais pesquisadores da devoção beneditina na região do Caeté, afirma que não se sabe ao certo quando os senhores permitiram que 14 negros escravizados erguessem uma igreja em devoção ao santo e formassem a confraria. O fato é que no ano em que os escravos obtiveram a autorização, eles percorreram as ruas da cidade e dançaram em frente às casas dos seus senhores em forma de gratidão.

Os gestos descritos acima se repetiram nos anos seguintes, consolidando a tradição de louvação ao santo preto com o entrelaçamento da dança e música afrodescendente envolvendo o ritual católico, dando origem ao que conhecemos hoje por Marujada de São Benedito, manifestação marcada pela dança, canto, ritmo e louvor ao santo. “É por isso que a Marujada Bragantina em nada se assemelha ao auto marítimo, existente em todo o Brasil, com o mesmo nome ou com os de: ‘Chegança de Marujos’, ‘Barca’, ‘Fandango’, etc.” (BORDALLO DA SILVA, 1974, p. 162). Segundo o folclorista, a Marujada de Bragança é uma organização profana, à parte da Irmandade, mas por ela amparada.

A luxuosidade e o colorido presente nas roupas das marujas, nome dado às mulheres que participam da Marujada, chamam a atenção de qualquer espectador. A saia rodada, a blusa branca rendada e o chapéu coberto de plumagem e enfeitado por longas fitas coloridas na parte de trás, compõem a vestimenta típica dessas mulheres durante a manifestação. Silva (1997) destaca que, com o passar dos anos, a Marujada se transformou na principal expressão social da Irmandade, chegando a ser identificada muitas vezes “com a própria festa, onde a linguagem comum passou a ser expressa nesta fórmula: ‘marujada é festa de São Benedito, e festa de São Benedito é Marujada’” (SILVA, 1997, p. 56).

para designar, por extensão de sentido, os descendentes de africanos nas Américas e na Europa e o rico patrimônio cultural que construíram”.

Para Alencar (2014), o discurso apresentado por Bordallo da Silva (1974) consolida a tradição com o passar dos anos e fomenta a devoção em nome da gratidão e reconhecimento aos senhores, como se fosse uma dádiva a permissão do culto ao santo entremeadado de práticas culturais afrodescendentes e de ritualísticas católicas. A autora reitera que esse discurso hegemônico do “senhor bondoso” ainda hoje é produzido e propagado pelos informativos distribuídos pela igreja católica no período da festividade, visto que é comum nessas peças gráficas a expressão “os negros em sinal de reconhecimento e agradecimento foram dançar de casa em casa dos seus benfeitores”⁹.

Segundo o historiador José Artulino Besen (2012), autor de diversas biografias de santos populares, Benedito Manasseri era filho de negros escravizados oriundos da Etiópia, na África. Os pais de Benedito foram comprados “em algum mercado da Sicília [...] eram cristãos e a fé cristã os fazia superar a humilhação e a degradação da vida escrava” (BESEN, 2012, p. 06). O autor afirma que os pais do futuro santo católico tinham se comprometido em não gerarem nenhum filho escravo, mas compadecido com a decisão, o senhor Vincenzo Manasseri, escravista responsável pelo casal, prometeu que o primeiro filho deles nasceria livre.

E assim, no ano de 1526, na região da Sicília, Itália, Benedito nasceu livre e foi registrado com o sobrenome do patrão. Segundo Besen (2012), desde cedo o jovem Manasseri mostrou vocação para a vida eremita. Mesmo sendo negro liberto, suas origens e sua cor eram motivos para injúrias e desprezo social, que conseguia superar através da oração e da penitência. Diante de uma das situações de ultraje e humilhação pública, um frade franciscano que vivia como eremita, em peregrinação e penitência, profetizou em um momento de advertência aos jovens que repudiavam Benedito: “Respeitem esse jovem: não levará muito tempo e ele me seguirá, fazendo-se religioso” (BESEN, 2012, p. 08).

As palavras proferidas pelo eremita ecoaram em Benedito, o que o levou a procurar uma vida espiritual longe, nas montanhas. Durante o tempo que viveu num mosteiro, na região de Parlemo, Itália, Benedito praticava a caridade, orientava vocações, curava os doentes e previa acontecimentos futuros, conforme explica o historiador:

Durante os 25 anos vividos em Palermo, Benedito cresceu sempre mais nestes dons que Deus concede a poucos eleitos: saber com antecedência, saber à distância, conhecer os pensamentos e os sentimentos, ler os corações, penetrar no mundo misterioso da consciência, conhecer além da vida terrena. (BESEN, 2012, p. 20)

⁹ Panfleto distribuído pela Irmandade da Marujada de São Benedito, entre os anos 2008-2010 de acordo com Alencar (20214).

De acordo com Besen (2012), a bibliografia sobre os acontecimentos históricos que revelam a memória de São Benedito em seus antepassados aponta para uma relação entre história e memória. Essa relação, que se mantém até os dias de hoje, teve início por meio da implantação do seu culto público em 1743, na Itália, e pelo processo de canonização no ano de 1807, o que permitiu oficialmente a devoção a São Benedito no Brasil e no mundo.

Nove anos antes de ser canonizado, o santo preto já era louvado e reverenciado na Irmandade do Glorioso São Benedito, em Bragança. Fato que mostra que Benedito Manasseri é um dos raros casos de pessoas que foram consideradas santas pelos devotos antes mesmo do processo oficial de canonização. “A devoção em seu nome e de sua prática religiosa se expandiram assim como a necessidade de se ter um elo cristão com os afrodescendentes, seja para propagar a fé cristã, seja para arrefecer os ânimos dos cativos” (ALENCAR, 2014, p. 33).

1.3 A irmandade de São Benedito: entre conflitos e resistências

Caracterizadas como espaços de produção e articulação de uma religiosidade popular, as Irmandades eram, de acordo com Silva (1997), instituições que sustentavam suas identidades em grupos específicos de “irmãos”, circunscritos em torno de um determinado santo popular. O autor afirma que, apesar de manter um caráter organizativo, as Irmandades de pretos e pardos não passariam de mecanismo de cooptação por grupos dominantes.

Laurentino Gomes (2021) ressalta que essas associações foram um dos traços mais marcantes da sociedade brasileira durante o período colonial. Algumas, como a Ordem Terceira de São Francisco, reuniam apenas homens brancos. Outras, como a de São José, abrigada na igreja de Santo Antônio da Barra, em Salvador, era formada só por traficantes de escravos, mas a maioria delas era constituída por negros escravizados e seus descendentes, como é o caso da Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança.

O pesquisador explica que essas entidades forneciam aos negros escravizados e/ou negros alforriados assistência espiritual e ajuda prática no dia a dia. Como exemplo o autor cita a coleta de dinheiro para custear o sepultamento de seus membros, a captação de recursos para a compra de alforrias – como no atual sistema de consórcio –, para a aquisição de imóveis e outros bens. O autor detalha ainda que:

O caixa comum da irmandade poderia socorrer financeiramente os irmãos e irmãs dando-lhes empréstimos em momentos de dificuldade financeira. As irmandades davam, acima de tudo, o suporte para que os africanos e seus descendentes se

integrassem à comunidade e nela encontrassem papéis sociais e espaços de convivência que a escravidão lhes negava. (GOMES, 2021, p. 349)

Segundo os estudos de Alves Filho (2001), é somente a partir da criação da Companhia Geral do Grão-Pará e Maranhão, em meados do século XVIII, que o contingente de escravos negros trazidos da África começa a aumentar na Amazônia, chegando a ser maior do que a mão-de-obra indígena em certos períodos dessa época. O aumento expressivo de escravos africanos deveu-se também “aos incentivos do governo através da Companhia Geral do Grão-Pará e Maranhão e a redução da mão-de-obra indígena, em virtude de mais de dois séculos de colonização” (ALVES FILHO, 2001, p. 27).

É durante esse período que começam a se instalar as primeiras Irmandades de pretos e pardos na região Norte. Para Silva (1997), somente é possível compreender o papel e a dimensão simbólico-política das Irmandades criadas na Amazônia do século XVIII, em especial as criadas na antiga vila de Bragança, a partir de dois momentos históricos distintos e diretamente relacionados. Estes momentos são explicados por Silva (1997, p. 25) da seguinte maneira:

O fato de que as Irmandades resultaram da política do Padroado¹⁰ e do antigo sistema colonial, através dos quais se tornaram verdadeiros instrumentos de manipulação nas mãos do Estado, que visava tão somente assegurar os seus domínios coloniais; 2) o fato de que, findo o Padroado, a Igreja, uma vez liberta da tutela do Estado, inicia seu projeto político, objetivando reconquistar os espaços perdidos, em defesa dos seus próprios interesses, o que a levará a uma tensão permanente com os centros de devoção populares, que tinham nas irmandades leigas os principais baluartes.

É em meio a esse episódio descrito acima que nasce a Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança. A identificação dos negros escravos no Brasil com São Benedito foi imediata, conforme afirma Rosário (2000) ao relatar a carência de socorro e consolação enfrentada pelos negros escravizados. Vale ressaltar ainda, conforme explica Silva (1997), que a Irmandade de São Benedito não foi a única fundada por negros na cidade de Bragança.

Nessa mesma época encontram-se relatos da fundação da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, entidade que veio a desaparecer anos mais tarde. O processo de “romanização”¹¹ adotado pela Igreja Católica, mais precisamente pelos padres Barnabitas em Bragança, é

¹⁰ O Padroado é o direito concedido pelos papas aos reis de Portugal de administrar os assuntos religiosos nas terras além-mar. Este direito começou a ser concedido no século XV quando Portugal começou a expansão ultramarina. Como a expressão sugere trata-se de uma “proteção”, “tutela” ou “apadrinhamento”. Os reis são investidos de poderes pontifícios para administrar, nos seus respectivos territórios, a Igreja, organizando e sustentando tudo o que estivesse relacionado a ela. Com isso, estabelece-se um solene compromisso entre Estado, na pessoa do rei, e a Santa Sé, com o objetivo de propagar a fé cristã e consolidar a Igreja. O Brasil viveu sob o regime do Padroado até a Proclamação da República, em 1889, que tornou o país oficialmente laico.

¹¹ Segundo o historiador José Oscar Beozzo (1977), romanização foi o processo de expansão que a Igreja Católica realizou no Brasil entre 1880 e 1920.

apontado por Silva (1997) como o principal motivo para o desaparecimento dessa Irmandade. Nesse sentido, Silva (1997, p. 30) afirma:

A referida Irmandade foi cooptada pelos padres Barnabitas, tendo a sua devoção e os seus festejos sido ofuscados pelo culto a Nossa Senhora de Nazaré, ainda que nossa Senhora do Rosário permanecesse como a padroeira da cidade. Com o desaparecimento da sua Irmandade, subsistiria, entretanto, a de São Benedito, cuja devoção popularizou-se e cuja imagem passou a ser considerada, segundo a tradição popular, como sendo a padroeira de Bragança.

Conforme destacado no início deste capítulo, os primeiros relatos históricos sobre a fundação da IGSBB remontam ao ano de 1798. De acordo com os estudos de Silva (1997), a história dessa associação se divide em dois momentos. O período da Irmandade religiosa – que se caracteriza pela subordinação à autoridade eclesiástica, e que vai de 3 de setembro de 1798 e se estende até o ano de 1947 e o da Irmandade civil – que se configura pela independência dessa associação em relação à Igreja, iniciada em 1947 e que vigora até os dias atuais.

A forte influência da Igreja Católica, através do sistema de Padroado, nos primeiros anos de fundação da IGSBB traduz o cenário de subordinação desta em relação às autoridades eclesiásticas. A descrição feita por Silva (1997, p. 35) retrata esse cenário:

Apesar do seu caráter relativamente autônomo frente à autoridade eclesiástica, na prática, a Irmandade religiosa vivia subordinada, visto que a aprovação do seu compromisso dependia, por exemplo, da aprovação do prelado do lugar, fato que atesta como a Irmandade era assistida e legitimada pela autoridade eclesiástica.

Diferente de outras Irmandades existentes na época, a IGSBB se estendia também às mulheres. O objetivo dessa inclusão segundo Silva (1997) era permitir o ingresso do maior número possível de pessoas dentro da Irmandade, abrangendo ao máximo a ação da IGSBB. A inserção das mulheres nesta Irmandade representa o início de uma dupla inversão social, onde a mulher negra e escrava começa ter um espaço significativo na sociedade.

A quebra de costumes extremamente patriarcais, a partir da entrada de mulheres nas Irmandades religiosas no século XVIII e XIX, passa a se configurar como um novo processo de resignificação. De acordo com Nonato da Silva (2002, p. 12), “a presença de mulheres em Irmandades indicava uma maior estabilidade social, além de demonstrar uma participação ativa e marcante na vida política e social”. O exemplo de Rufina do Ó, uma das primeiras mulheres a fazer parte da Irmandade, descrito por Nonato da Silva (2002, p. 15), mostra-nos isso claramente:

Rufina do Ó, mulher negra, alistou-se como irmã simples na Irmandade de São Benedito, no dia 19 de agosto de 1872, pagou a jóia [sic] de 640 réis e, neste mesmo

ano, foi eleita rainha para as festividades de Nossa Senhora do Rosário, conforme está registrado no livro de assentamento de irmãs libertas. Em 1884 passou deste para o livro de assentamento das irmãs, pagando o seu anual até 1891.

O fato da Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança conseguir juntar num mesmo espaço homens e mulheres de diversas etnias é classificado por Silva (1997) como um totalizador de integração social. Trata-se de algo considerado bastante inovador e democrático se levarmos em conta o período histórico em que ocorre essa situação.

De acordo com a estrutura interna da IGSBB, apresentada no seu primeiro Compromisso em 1798 e revista e aprovada em 10 de maio de 1853, podemos perceber o caráter organizativo presente na entidade, conforme relata Silva (1997, p. 36):

No ápice da pirâmide social estava a administração da Irmandade, confiada a uma “Mesa Diretora”, constituída dos seguintes cargos: um juiz, uma juíza, um procurador, um secretário, um tesoureiro, doze mordomos e doze mordomas, além dos chamados “irmãos instituidores”, em número de dezesseis, aos quais era permitido o uso de medalhas de prata com efígie de São Benedito colada ao peito por ocasião dos seus rituais festivos, principalmente nas procissões. Os cargos eram eletivos o que conferia à Irmandade um espaço de vivência política ainda que sob a estrita vigilância da autoridade eclesiástica.

Apesar da história da Marujada de São Benedito de Bragança estar intrinsecamente ligada à história da IGSBB, chegando muitas vezes a ser confundida com esta, chama-nos atenção o fato de não haver qualquer registro de sua existência no primeiro Compromisso da Irmandade. Segundo os estudos de Silva (1997), a total omissão do Compromisso de 1853 em relação ao ritual da marujada traduz o grau de marginalização a que este estava subordinado na época. Esse episódio pode ser explicado pela forte presença e controle do clero nas devoções populares da Irmandade.

Segundo Rosário (2000), a supremacia da Igreja Católica no município de Bragança sempre foi uma realidade palpável. A presença da Igreja não estava apenas inserida nos termos espirituais dos moradores, mas no cotidiano destes. “Seja a partir de seus serviços educacionais, na construção de colégio, hospital e um formidável patrimônio territorial, a Igreja desfrutou sempre de prestígio intelectual e político na cidade” (ROSÁRIO, 2000, p. 209). Tal era (e continua sendo) o poder da Igreja Católica em Bragança que a cidade ganhou de alguns moradores o epíteto de “Pequeno Vaticano”¹².

É nesse cenário de controle eclesiástico vivido no município, mais precisamente em 1947, que começam os primeiros conflitos políticos e ideológicos entre IGSBB e Igreja

¹² Expressão encontrada apenas no livro *A Saga do Caeté*, do historiador José Ubiratan Rosário (2000). Durante a pesquisa não encontrei a expressão em nenhuma outra referência bibliográfica.

Católica, que duram aproximadamente quatro décadas. Esse fato nos remete às teorias de Brandão (2006) ao defender que desde a época da colônia são conhecidos os atos de bispos e padres com o objetivo de controlar e até mesmo proibir expressões populares¹³ durante as cerimônias litúrgicas.

Com medo de perder completamente o domínio para a Igreja Católica, alguns membros da Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança começam a ser organizar e pensar na possibilidade de uma entidade independente, longe do controle do clero. Em julho de 1946, uma reunião organizada pelo procurador da Irmandade, Flordoaldo de Oliveira, inicia os primeiros debates sobre a transformação da Irmandade religiosa em “sociedade civil”. Mas é somente no ano seguinte que esta mudança acontece, conforme descreve Silva (1997, p. 41):

Em maio de 1947, foi concretizada a transformação, com a publicação no Diário Oficial do Estado do respectivo Estatuto, que para muitos foi fruto de manobras políticas na esfera estadual. Tinha início naquela data uma querela que se estenderia por mais de quarenta anos, de um lado, envolvendo agora uma Irmandade civil e, de outro, a autoridade eclesiástica, numa disputa pelo controle do culto ao Glorioso São Benedito.

As consequências dessa alteração foram imediatas. A Igreja reagiu das mais variadas formas, não medindo esforços para que a antiga Irmandade fosse restabelecida. Para o clero, perder o domínio da IGSBB era perder o domínio sobre a sociedade local. A transformação da Irmandade religiosa em “sociedade civil” representava uma ameaça direta ao poder da Igreja na cidade. De acordo com Nonato da Silva (2006), o discurso dos padres não visava apenas controle do culto popular a São Benedito, mas também a “pasteurização” dos rituais da Festividade, como a que já ocorria em Belém no Círio de Nazaré, onde se nota nitidamente o total controle da Igreja.

O conflito entre o clero e a Irmandade, que começa oficialmente em 1947 com a mudança do Estatuto, estende-se até o ano de 1988, quando a Igreja Católica ganha no Supremo Tribunal Federal, em Brasília, a posse do templo e da Festividade de São Benedito. Foram acontecimentos marcantes que ainda hoje vigoram na memória do povo bragantino, principalmente daqueles que acompanharam cada capítulo dessa história.

Em entrevista realizada em 2008, durante a construção do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da minha graduação em jornalismo, a respeito da Festividade de São Benedito em

¹³ O autor se refere a tentativa de proibição de manifestações populares com referências de matriz africana como a própria Marujada de Bragança, o ritual de esmolação ou outros ritos que usam a dança e/ou instrumentos como tambores como elementos de louvor a santos católicos.

Bragança, a ex-capitosa¹⁴ da Marujada, dona Aracilda Corrêa, falecida em agosto de 2014, lembrou dos momentos de grande tensão entre a Igreja e a Irmandade de São Benedito. Dona Araci, como era conhecida, vivenciou de perto alguns episódios desse conflito, como o dia em que alguns marujos foram para porta da igreja de São Benedito tentar impedir os padres de celebrarem a missa, em 1988.

Assim que saiu a decisão da justiça dando a posse da nossa Festividade pros padres a gente se revoltou. Nós marujos nos reunimos e fomos lá pra porta da igreja pra tomar conta do que era nosso. A gente não queria entregar a Festividade assim de mão beijada pros padres. Eu fiquei muito revoltada, teve gente que até disse que ia colocar fogo em tudo. Até hoje eu não aceito que a festa de São Benedito seja organizada pelos padres, na época que era a Irmandade que tomava conta da Festividade, ixi! Você precisava ver, aquilo ali era muito animado. Tinha o barracão da juíza, que lotava de gente pra dançar. Agora tá tudo diferente. Desde que os padres tomaram conta ficou tudo diferente, não é mais a mesma animação de antes (Aracilda Côrrea, dezembro /2008. Informação verbal. In: SANTOS, A. C. S dos; GAMBÔA, A. J.A; GONÇALVES, K. R., 2010).

Atitudes como essas descritas acima pela ex-capitosa da Marujada foram recorrentes durante o ápice do confronto entre Igreja e Irmandade, vivido no ano de 1988, logo após a decisão do STF. Segundo Rosário (2000), o desespero dos membros da Irmandade logo após a decisão da justiça foi tanto que atos revolucionários¹⁵ chegaram a ser cogitados no interior e na sede do município.

Assim que foi executada a sentença do Juiz, em setembro de 1988, espalhou-se pela cidade boatos de que a Marujada e a esmolação do santo iriam acabar. Esse fato aumentou consideravelmente a revolta dos devotos que não separam a dança da devoção por São Benedito, algo intrinsecamente presente na marujada. “Nada é apenas o lúdico na festa da Marujada. Há um fio ligando a dor ao folguedo. O sincretismo da festa é o próprio processo característico da sociedade Caeteuara” (ROSÁRIO, 2000, p. 212).

Após assumir a autoridade da Irmandade, a Diocese de Bragança, tendo à frente o bispo Dom Miguel Maria Giambelli¹⁶, desmentiu os boatos sobre a extinção da Marujada e da esmolação, rituais inerentes a antiga IGSSB. Assim, de acordo com Silva (1997), uma das primeiras medidas da Igreja após assumir o controle da Marujada, numa clara demonstração de não querer nenhum envolvimento direto com esta, pois corresponde à parte profana da Festividade, foi o desejo que a Marujada se autoadministrasse.

¹⁴ Principal cargo hierárquico da Marujada. A função é ocupada tradicionalmente por marujadas experientes que zelam e gerenciam o andamento da manifestação.

¹⁵ O autor se refere a atos de protesto, propostas de atear fogo em prédios públicos e ocupação da igreja pelos integrantes da Irmandade Civil.

¹⁶ Primeiro bispo da Diocese de Bragança. Exerceu o cargo entre os anos de 1980 a 1996.

Outra mudança promovida pelo clero na Festividade de São Benedito foi a extinção das festas de aparelhagens¹⁷ dentro do barracão¹⁸ da Marujada (Figura 4). Alegando que essas festas provocavam desordens e imoralidades no arraial¹⁹, a Igreja acaba definitivamente com as festas anexas e passa de fato a dar outro direcionamento para a Festividade.

Figura 4 – Barracão da Marujada.



Fonte: Acervo pessoal. Adison Santos, 2020.

Conforme nos relata Rosário (2000), as medidas tomadas pelas autoridades eclesiásticas causaram muita resistência entre os membros da IGSSB, que após a decisão do STF passou a ser chamada de Irmandade da Marujada de São Benedito de Bragança, visando inicialmente preservar a tradição cultural da manifestação.

Abalada ainda com todas essas transformações a nova irmandade inicia um processo de reorganização. “Na verdade, o que se buscava agora era a continuidade da marujada como uma organização civil, independente de vinculação católica” (SILVA, 1997, p. 169). Passado mais de duas décadas do controle da Festividade pelos padres, a Irmandade da Marujada de São Benedito de Bragança hoje possui uma diretoria independente da parte religiosa e é responsável apenas pela parte cultural da Festividade.

Diferente da organização do Primeiro Compromisso, em 1853, a atual Irmandade não possui mais o cargo de juiz como principal autoridade da entidade. Agora a função de comandar os membros da Irmandade cabe a um presidente, cargo atualmente exercido pelo senhor João Batista Pinheiro, conhecido como “Careca”, que com a ajuda de uma diretoria executiva

¹⁷ Aparelhagens são grandes estruturas sonoras e de iluminação que reproduzem prioritariamente o repertório do gênero tecnobrega em eventos realizados em algumas regiões do Pará.

¹⁸ Espaço dedicado para apresentação das danças da Marujada.

¹⁹ Festa popular ao ar livre, geralmente com música, comida e bebida. A expressão também usada pelos moradores de Bragança para se referir à festividade de São Benedito.

comanda as atividades da entidade.

Filho do ex-procurador da IGSSBB Raimundo Arsênio Pinheiro da Costa, que dirigiu a Irmandade por mais de 30 anos, Careca assumiu a entidade em 1989, assim que seu pai entregou o cargo. Eleito pelos membros da Irmandade, o atual presidente da entidade organizou uma diretoria vitalícia para lhe ajudar no comando da Marujada. Diferente do pai, que era conhecido por uma personalidade forte e contrário à adesão da Irmandade pela Igreja, Careca se mostra bastante diplomático com relação a esse tema, não opinando em nenhum momento seu posicionamento.

A Marujada nem ganhou nem perdeu quando foi aderida à Igreja Católica. A igreja acha e sempre achou que as esmolações de santo tinham que ser administradas por ela. Essa foi a principal alegação para que a Irmandade passasse a ser controlada pela Igreja. E esse controle não se deu tão fácil. Houve três instâncias para que se fosse realmente decidido que a parte religiosa da Festividade de São Benedito passasse a ser de responsabilidade da Igreja. Até então quem administrava a parte religiosa da Festividade era o meu pai, ou seja, apenas a Irmandade. A partir dessa mudança, a Festividade de São Benedito e a marujada ficaram divididas em duas partes. A parte religiosa administrada pela igreja e a parte cultural administrada pela Irmandade que eu sou presidente. (João Batista Pinheiro, Careca, dezembro/2008. Informação verbal. In: SANTOS, A. C. S dos; GAMBÔA, A. J. A.; GONÇALVES, K. R., 2010)

Apesar das mudanças ocorridas no sistema estrutural da Irmandade, comprovando a teoria de Laraia (2009) ao defender a cultura como um processo dinâmico e adaptativo, percebemos que para muitos devotos ainda a Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança permanece “imune” à Igreja, tal qual era antes. De acordo com Rosário (2000), esta situação ocorre porque na mentalidade desses devotos a Diocese ganhou no signifiante e não no significado. “O signo São Benedito não se partiu. O significado está no espírito de Irmandade que vem do sentimento de Irmandade” (ROSÁRIO, 2000, p. 214). Embora a decisão do STF não tenha atingido a consciência coletiva de muitos bragantinos é preciso enfatizar que a atual Irmandade da Marujada de São Benedito não é mais a mesma IGSSBB fundada pelos negros escravizados.

Ainda com relação ao processo dinâmico da cultura descrito anteriormente, Laraia (2009) afirma que existem dois tipos de mudança cultural, uma interna resultante da alteração do próprio sistema cultural, e uma externa, proporcionada pelo contato de um sistema cultural com outro. No caso da Irmandade de São Benedito podemos notar a presença desses dois tipos de mudança. “É praticamente impossível imaginar a existência de um sistema cultural que seja afetado apenas pela mudança interna. Isto somente seria possível no caso, quase absurdo, de um povo totalmente isolado dos demais” (LARAIA, 2009, p. 96).

2 BANDEIRAS CRUZANDO O VENTO

A proposta do segundo capítulo é detalhar o que são, como funcionam e como são formadas as comitivas de esmolação do Glorioso São Benedito de Bragança. Além de pormenorizar o *corpus* de pesquisa da dissertação, esta etapa também apresenta o perfil dos sujeitos que constroem o ritual de esmolação, tanto a partir da perspectiva do folião, denominação dos integrantes das comitivas de esmolação, como do devoto que recebe o ritual de esmolação anualmente em casa.

“Bandeiras cruzando o vento” apresenta como referencial teórico base a pesquisa do linguista José Guilherme Fernandes, autor do livro *Pés que andam, pés que dançam: memória, identidade e região cultural a esmolação e Marujada de São Benedito em Bragança (PA)*, publicado em 2011. Nesse estudo, o autor analisa as narrativas orais dos foliões e devotos do santo, tomando como base a memória e a identidade cultural.

Além de Fernandes (2011), o segundo capítulo também destaca os estudos de Silva (1997), Alencar (2014) e Pinheiro Júnior (2016), pesquisadores que acumulam importantes contribuições sobre o objeto investigado. Esta etapa descreve ainda o surgimento das comitivas e retrata os conceitos de ritual, significado e significações, além de detalhar a construção da devoção ao santo no território pesquisado, sobretudo, a partir dos relatos colhidos durante a pesquisa de campo.

2.1 Os construtores da devoção

Neste tópico o trabalho busca identificar quem são os sujeitos que constroem a devoção a São Benedito nos rituais de esmolação. Para isso, a pesquisa ouviu 8 pessoas relacionadas à temática investigada, conforme mostra o Quadro 1. Desse total, metade são mulheres, identificadas como devotas que recebem as comitivas em casa, e metade são homens, integrantes dos grupos. A proposta é compreender a dinâmica dos processos simbólicos das comitivas de esmolação a partir de duas perspectivas distintas e complementares.

Quadro 1 – Relação de entrevistados na pesquisa de campo em Bragança/Pa.

NOME	OCUPAÇÃO	TEMPO DE DEVOÇÃO	CLASSIFICAÇÃO SOCIAL NA PESQUISA
Regyvânia Ferreira	Atendente de Farmácia	36 anos	Devota que recebe as comitivas de São Benedito em casa
Andreia Braga	Pedagoga	39 anos	Devota que recebe as comitivas de São Benedito em casa
Luzia Aviz de Quadros	Aposentada	60 anos	Devota que recebe as comitivas de São Benedito em casa
Marília Costa Santiago Morais	Agricultora	47 anos	Devota que recebe as comitivas de São Benedito em casa
João Batista da Silveira	Aposentado	82 anos	Ex-encarregado das comitivas de esmolação
Antonio Ribeiro	Autônomo	41anos	Encarregado da comitiva dos Campos
Valdeci Silva dos Santos	Autônomo	55 anos	Encarregado da comitiva da Colônia
José Moraes de Brito, “Zezinho”	Luthier	47 anos	Encarregado da comitiva da Praia

Fonte: Entrevistas/Pesquisa de campo/2021.

Vale reforçar que a equidade de gêneros na composição do grupo entrevistado foi proposital. Conforme já destacado na Introdução, a investigação não identificou nenhuma mulher nas comitivas de esmolação do santo e, por essa razão, decidimos que todos os devotos que recebem as comitivas em casa precisavam necessariamente ser do gênero feminino para demarcar a equidade e diversidade das vozes ouvidas na pesquisa.

Os foliões entrevistados foram João Batista da Silveira, 82 anos, ex-encarregado das comitivas; Antonio Ribeiro, 41, encarregado da Comitiva dos Campos; Valdeci Silva dos Santos, 55, encarregado da Comitiva da Colônia; e José Moraes de Brito, o Zezinho, 47, encarregado da Comitiva da Praia. As devotas ouvidas na pesquisa foram Regyvânia Ferreira, 36 anos; Andreia Braga, 39; Luzia Aviz de Quadros, 60; e Maria Costa Santiago, 47.

Para detalhar a dinâmica das comitivas é válido lembrar que cada grupo é composto por uma média de 12 foliões, incluindo os encarregados. Para fazer um recorte do assunto investigado, a pesquisa ouviu quatro integrantes das comitivas que possuem em comum o fato de já terem participado dos três grupos, tanto como foliões como encarregados. Esse recorte nos ajudará a ter uma melhor dimensão do perfil de quem constrói a devoção a São Benedito através dos grupos de esmolação.

Entre os foliões entrevistados, apenas o senhor João Batista da Silveira, 82 anos (Figura 5), não participa mais ativamente do ritual de esmolação, pois precisou se aposentar das caminhadas em razão das limitações físicas da idade. Os outros três foliões, que ocupam a função de encarregados atualmente, seguem normalmente no cargo, aguardando o retorno das atividades.

Figura 5 – João Batista da Silveira, ex-encarregado do ritual de esmolação.



Fonte: Acervo pessoal/Adison Santos/2020.

Entre as quatro devotas ouvidas na pesquisa, apenas a senhora Marília Costa Santiago Morais, 47, mora na área rural do município. As demais vivem na área urbana. Entre as comitivas recebidas por elas, duas são do santo da colônia e duas do santo dos campos. As entrevistas dos dois grupos, foliões e devotos, foram realizadas em quatro etapas. A primeira em dezembro de 2020, a segunda em março de 2021, terceira em agosto de 2021 e a quarta em dezembro deste ano.

A primeira etapa das entrevistas em profundidade, seguindo os preceitos da História Oral de Meihy e Holanda (2007), foi construída a partir de oito blocos de perguntas, sendo quatro para cada grupo. Neste módulo, os questionamentos foram direcionados às experiências e memórias afetivas que cada entrevistado possui e construiu com o santo.

Para as devotas de São Benedito as perguntas foram: “Conte um pouco sobre a sua história. Qual o seu nome, onde nasceu, onde cresceu e desde quando a devoção por São Benedito é presente na sua vida”? “Qual das 3 comitivas a senhora costuma receber em casa”? “O que São Benedito representa para a senhora”? E “que lembranças a senhora tem das comitivas de esmolação durante a sua infância”?

Para os foliões, o questionário direcionado seguiu a mesma dinâmica acima: “Conte um pouco sobre a sua história. Qual o seu nome, onde nasceu, onde cresceu e desde quando a devoção por São Benedito é presente na sua vida”? “Qual das 3 comitivas o senhor já atua ou já atuou como folião”? “O que São Benedito representa para o senhor”? E “que lembranças o senhor tem das comitivas de esmolação durante a sua infância”?

Esta etapa foi fundamental para entender que lugar a devoção por São Benedito ocupa nas memórias de cada um dos entrevistados. O processo de retomada ao primeiro contato com o santo nos ajuda a entender como essas lembranças são construídas. A abertura desse diálogo proporcionou novos encontros e, conseqüentemente, a consolidação de um ambiente de confiança entre os devotos do santo e o pesquisador para a continuação das entrevistas em profundidade nas etapas seguintes.

2.2 O ritual de devoção e peregrinação

*A bandeira de São Benedito
A bandeira do meu protetor
Pela estrada segue a folia
Pela estrada os benditos de fé
Guarnecei santo preto os devotos
Guarnecei os foliões
Glorioso São Benedito
Guarnecei todos caminhos*

Júnior Soares e Ronaldo Silva (2018)

A canção escrita pelos compositores Júnior Soares e Ronaldo Silva, do grupo Arraial do Pavulagem²⁰, pertencente ao álbum *Caeté Camará*, de 2018, descreve bem as andanças das comitivas de São Benedito pela região bragantina. A música exalta os ritos da manifestação bicentenária e mostra o hibridismo do lúdico com o sagrado, tão característico nas comitivas de esmolação. Devoção e diversão em uma mesma expressão cultural. Duas coisas inseparáveis, como defende Silva (1997), ao relatar que durante a manifestação a súplica a São Benedito assume a forma de louvor e de lazer ao mesmo tempo.

²⁰ Grupo musical que desde 1987 desenvolve ações de educação cultural na Amazônia paraense através de linguagens como a dança, a música e a visualidade cênica. Seus principais projetos são os cortejos de cultura popular: Cordão do Galo (janeiro), Cordão do Peixe-Boi (final de março), Arrastão do Pavulagem (junho) e Arrastão do Círio (outubro). Fonte: Página do Arraial do Pavulagem no Facebook: <https://www.facebook.com/arraialdopavulagemoficial/>. Acesso em 20 Nov. 2020

Segundo Fernandes (2011), o ritual da devoção a São Benedito, em Bragança, inicia em meados de abril, quando as três comitivas de esmoladores se dirigem, a partir da sede do município, para os quatro cantos da região (Figura 6).

Figura 6 – Mapa da área de movimento da esmolação de São Benedito, a partir do município de Bragança.



Fonte: Google maps/2022

O pesquisador explica que a comitiva do santo da praia segue para leste, norte e nordeste; a comitiva do santo dos campos para oeste e noroeste; e a comitiva do santo das colônias para o sul, sudeste e sudoeste.

As comitivas atingem um raio de mobilidade de aproximadamente 200 km, a partir de Bragança, que se estende das microrregiões Bragantina e do Salgado paraenses à microrregião da Baixada Maranhense, desde a cidade de Salinópolis e Ourém, no Pará, respectivamente, a oeste e sul de Bragança, até a cidade de Carutapera [Maranhão], a leste do epicentro de origem da esmolação. (FERNANDES, 2011, p. 66)

Durante o período de peregrinação, as comitivas visitam diariamente as casas de devotos do santo, levando as imagens de São Benedito para dentro de cada lar. Em relação ao espaço da esmolação na cotidianidade dos bragantinos é válido citar aqui o minucioso relato feito por Silva (1997) ao descrever o serviço de esmolação:

O serviço de esmolação, que se caracteriza pelo deslocamento, se inicia diariamente às cinco horas da manhã, com o cantar da folia de alvorada, inaugurando o trabalho cotidiano da Comissão e do grupo doméstico. A saída de cada Comissão das residências que a alojou se dá de forma variada: pode ocorrer de manhã bem cedo ou de tarde. Durante estes períodos, suas tarefas são de “esmolhar com o santo”, isto é, recolher de casa-em-casa os donativos e as esmoladas ofertadas pelos devotos e promesseiros, até chegar àquela que aceitou ficar com o Santo para promover a

pernoita d'Ele. Aqui a comissão permanecerá para, no dia seguinte, retomar a sua jornada. (SILVA, 1997, p.5)

O simbolismo presente na esmolação é marcado por vários ritos. De acordo com Silva (1997), o momento da reza (Figura 7) é o mais importante de todos, pois corresponde ao agradecimento do devoto. Dentre outros cerimoniais estão a sonoridade de tambores, pandeiros e reco-recos e a prática de cantar uma folia, isto é, uma quadra de versos com temas bíblicos, entoados na casa dos devotos em troca de um donativo que pode assumir a forma de dinheiro ou de um gênero alimentício²¹.

Figura 7 – Comitiva de São Benedito da Praia, no momento da reza.



Fonte: Reprodução/documentário Beneditos/TV Cultura/2017.

É importante demarcar que esta pesquisa se utiliza do conceito de ritual proposto pelo antropólogo Victor Turner. Nas obras *O Processo Ritual* (1974) e *Floresta de Símbolos* (2005), o autor define ritual como uma manifestação povoada de simbologias e representações que podem estar associadas a uma cosmogênese ou a aspectos diretamente ligados ao cotidiano da sociedade. Para Turner (1974), este aspecto é muito importante para a definição de ritual, pois sem a representação simbólica – através de movimentos, bandeiras e outros objetos – não é possível o estabelecimento de uma atmosfera ritual, ou seja, de um ambiente diferenciado da realidade cotidiana, onde o ritual se desenvolve.

Para se referir a esse momento diferenciado da realidade, o antropólogo se apropria de um termo inicialmente utilizado por Van Gennep (2011) e afirma que o ritual se realiza em um momento que é liminar. Segundo Turner (1974, p. 117),

²¹ De acordo com Silva (1997), é muito comum alguns devotos doarem aos membros das comitivas sacas de farinha d'água ou outras monoculturas produzidas em suas terras como feijão, macaxeira, milho.

os atributos de liminaridade, ou de *personae* (pessoas) liminares são necessariamente ambíguos, uma vez que esta condição e estas pessoas se ou escapam furtam à rede de classificação que normalmente determina a localização de estados e posições num espaço cultural. As entidades liminares não se situam aqui nem lá; estão no meio e entre as posições atribuídas e ordenadas pela lei, pelos costumes, convenções e cerimonial.

Nesse sentido, o processo ritual é realizado de modo que nem o tempo, o espaço e nem os indivíduos nele envolvidos são os mesmos da vida cotidiana. Pessoas, tempo e espaço estão sob influência de uma atmosfera simbólica que os ressignifica e transforma seus atributos e status. Este é o momento liminar do ritual, que segundo atribuições de Van Gennep (2011) adotadas por Turner (1974), é precedido por um momento de ruptura – quando o indivíduo é separado de sua vida cotidiana – e posterior a este momento liminar (agregação) – quando o indivíduo se reintegra à sociedade.

O momento da liminaridade é o que mais chama a atenção do antropólogo. Na visão de Turner (1974) é no momento liminar que o indivíduo, envolvido no processo, desvela-se em potencialidades diante da possibilidade de transformações que não estão somente na esfera da religiosidade, mas nas camadas mais profundas e mais divergentes das culturas.

Fernandes (2011) afirma que o ciclo de esmolações de São Benedito rememora a mendicância medieval, “ainda mais porque a ordem a que pertenceu São Benedito era dos franciscanos, além do que os escravos que organizam a irmandade no século XVIII não tem recursos próprios” (FERNANDES, 2011, p. 97). A afirmação é reforçada por Silva (1997) ao explicar que o objetivo dos ritos organizados pelas comitivas é pagar a promessa dos devotos de São Benedito e ao mesmo tempo recolher os donativos para a festa do santo, realizada em dezembro.

Simbolicamente, o serviço de esmolação significa anunciar a festa do Santo. Ao mesmo tempo que o grupo anuncia, convida alegoricamente a comunidade para a celebração da festa. As dadas oferecidas pelos devotos constituem-se num exemplo concreto da garantia de sua celebração, bem como do fortalecimento dos laços que sustentam a identidade de irmão de São Benedito. (SILVA, 1997, p. 5)

Para muitos devotos o folião é visto como um mediador entre São Benedito e o povo. Durante a pesquisa de campo desta dissertação foi possível notar isso de forma nítida, comprovando os estudos de Silva (1997) ao dizer que em algumas situações o santo promesseiro se confunde com o folião. Ainda a respeito dessa questão, o autor relata a seguinte história:

Um folião, na chegada da Comissão do Santo Praiano, no ano de 1987, passou por uma experiência tal qual estou tratando aqui, ou seja, aquela em que o folião é

identificado com o próprio santo. Ao caminhar à frente do cortejo conduzindo uma das bandeiras, uma senhora dos seus cinquenta anos dirigiu-se a ele e falou-lhe: - “O sinhô permite ao menos tocar no sinhô? Que o sinhô é da Irmandade do Santo, que é uma promessa que eu fiz... O folião ao ouvir o pedido da senhora permitiu imediatamente que ela colocasse sua mão no ombro dele durante cinco minutos. (SILVA, 1997, p. 144)

Receber as comitivas de esmolação em casa é motivo de alegria para qualquer devoto de São Benedito na região bragantina. Durante as entrevistas realizadas em Bragança, foi possível perceber claramente o clima festivo proporcionado pela visita das comitivas. “Receber São Benedito em casa significa receber um amigo, um parente muito querido, que todos os anos, avisa com antecedência que vem nos visitar, aí preparamos tudo com muito carinho para a sua chegada”, relata a pedagoga Andreia Braga²², 39 anos.

Moradora do bairro do Taíra, Andreia afirma que a visita anual dos foliões é uma herança religiosa da família e que já segue há gerações. “Desde criança, fui ensinada a ser devota, pois, a devoção a São Benedito é algo tradicional na minha família. Começou com meus avós, foi repassada para os meus pais e agora segue comigo e as minhas irmãs”, explica. Anfitriã da comitiva dos campos, ela detalha como funciona a preparação para receber o grupo de esmoladores em casa:

Tudo começa com a organização da questão financeira, depois passamos para os preparativos, que são as compras dos alimentos para preparar desde o lanche da chegada, o jantar e o café da manhã, depois fazemos a limpeza e organização da casa para receber todos com muito aconchego e zelo, para que as pessoas da comitiva se sintam como estivessem em suas casas. (Andreia Braga, março/2021. Informação verbal)

É no dia da pernoita do santo em casa que a agricultora Marília Costa Santiago mata as melhores “criações” do seu quintal para servir aos foliões e convidados que participam na hora da reza. Segundo ela, a preparação da família para receber a comitiva dos campos em casa começa assim que os foliões iniciam sua caminhada, em abril. Tudo é feito com muito planejamento para que a recepção dos foliões seja a melhor possível, conforme ela relata:

Essa visita é um dos momentos mais esperados do ano. Por isso, a gente planeja tudo com bastante antecedência. A preparação se baseia em criar galinha caipira, pato e preparar a comida pra fazer o almoço, a merenda e a janta da comitiva e das pessoas que também acompanham a comitiva. Além da comida, a gente também prepara o nosso mingau que já é costume nos dias da reza de São Benedito. (Maria Costa Santiago²³, março/2021. Informação verbal)

²² Entrevista concedida para esta pesquisa no dia 20 de março de 2021.

²³ Entrevista concedida para esta pesquisa no dia 20 de março de 2021.

De acordo com Silva (1997), os exemplos descritos acima marcam a “invasão” pacífica da comitiva à casa dos promesseiros. Trata-se de um momento caracterizado por uma troca simbólica: de um lado a família recebendo de braços abertos o santo e os membros da comitiva e de outro os foliões levando o santo para abençoar aquele local. Note como Silva (1997, p. 69) descreve a alegria de um folião ao ser recebido na casa de um promesseiro.

O desejo de recompensa é expresso da seguinte forma no pensamento de um folião: “O dono da casa recebe bem quando a gente chega com a turma. Pra ele nós somos umas pessoa importante. [...] Além de nós, o Santo, o São Benedito – que se não fosse Ele, nós num era assim totalmente a bem recebidos como nós samo. E quando nós chega na casa naquela hora, a casa é nossa. Só não é nossa é o quarto (porque aí também é demais!)”.

Exemplos como os da pedagoga Andreia Braga e da agricultora Marília Costa Santiago mostram o quanto o santo está inserido no cotidiano desses devotos. “As pessoas esperam um ano ou mais de um ano por esse momento. Receber as Comitivas de Esmolação é algo muito especial para quem acredita no poder de São Benedito”, afirma o presidente da Irmandade da Marujada²⁴, João Batista Pinheiro²⁵, conhecido na cidade apenas pelo apelido de “Careca”.

A partir dos estudos de Turner (1974), é possível afirmar que é durante a atmosfera de celebração festiva proporcionada pela visita das comitivas que acontece o momento liminar do ritual. De acordo com o antropólogo, o estado liminar suscita a união e o sentimento de igualdade entre os indivíduos envolvidos, pois neste instante as vaidades relacionadas aos status sociais deixam de existir, uma vez que a própria noção de status não se aplica àquele momento.

Este sentimento de integração e igualdade é definido por Turner com o termo extraído do latim *communitas*, como ele define: “prefiro a palavra latina *communitas* à comunidade, para que se possa distinguir esta modalidade de relação social de uma ‘área de vida em comum’” (TURNER, 1974, p. 119). Vale destacar que o autor não estabelece uma relação de dependência entre os estados de *communitas* e liminaridade – ou seja, um não depende necessariamente do outro para ocorrer.

Turner (1974) explica que o desenvolvimento desses dois estados gera a “antiestrutura social”. Esse conceito é definido por ele como instantes transgressores da ordem social estabelecida que possuem potencial para remoldar a ‘estrutura social’ a partir de instantes de negação da própria Estrutura.

²⁴ Organização civil responsável pelos eventos da Marujada e pela programação cultural da Festividade de São Benedito.

²⁵ Entrevista concedida para esta pesquisa no dia 22 de março de 2021.

Durante os quase sete meses de peregrinação, as comitivas percorrem os lugares mais remotos da região bragantina. São localidades em que, muitas vezes, nem a Igreja está presente, como as agrovilas da região dos campos e pequenas ilhas do nordeste paraense. De acordo com Fernandes (2011), para muitas pessoas dessas comunidades, normalmente, a visita das comitivas é o mais próximo da festa de São Benedito que podem chegar devido à distância entre essas localidades e a área urbana de Bragança.

O pesquisador observa ainda que a distribuição das comitivas parece obedecer a uma escolha geográfica e paisagística, pois cada grupo é responsável em esmolar em áreas distintas, que se relacionam com atividades econômicas distintas. A praia, por exemplo, é “o espaço de pescadores; os campos das atividades pastoris; e a colônia das [...] agrárias. Por mais que a divisão, segundo um dos esmoladores e encarregado²⁶, ocorra por uma necessidade de alcançar uma espacialidade cada vez maior de devoção ao santo” (FERNANDES, 2011, p. 66).

2.3 As comitivas de São Benedito

Pinheiro Junior (2016) explica que, diferente do ritual da Marujada, onde a figura feminina é protagonista, nos grupos de esmolação a figura masculina é predominante. Os homens são os responsáveis em conduzir a imagem, tocar os instrumentos, balançar as bandeiras e rezar durante todo o ritual de chegada e saída da casa dos devotos. “Durante o ritual da esmolação, a figura feminina quase desaparece. Elas estão destinadas a trasladar a imagem beneditina de uma residência à outra” (PINHEIRO JUNIOR, 2016, p. 50). O autor esclarece que, ainda que não seja uma obrigação estritamente da mulher, pois se podem ver atualmente homens fazendo este papel, o traslado da imagem beneditina de uma residência à outra é feito majoritariamente por mulheres.

A respeito dessa divisão de gêneros no ritual de esmolação, Fernandes (2011) ressalta que o papel de liderança que o encarregado desempenha para os foliões se assemelha com o papel da capitoa para os homens e mulheres que compõe a Marujada: cada um conduzindo e organizando suas respectivas manifestações de forma hierárquica. “O paramento na Marujada, assim como a opa²⁷ na esmolação, são indumentárias e ornamentos que circunscrevem seus

²⁶ Pessoa indicada pela Irmandade da Marujada e pela Igreja para coordenar o grupo de esmolação, o líder dos foliões durante as caminhadas da comitiva.

²⁷ Vestimenta posta sobre a roupa do esmolador, seja folião ou encarregado, na ocasião em que estão na caminhada, em direção à casa do promesseiro. É uma espécie de capa, sem mangas, em tom amarelo ou vermelho, e que, em geral, é usada também por membros de diversas irmandades em cerimônias religiosas.

usuários em outro tempo, o da tradição, e faz com que seus usuários sejam mais que esmoladores ou marujas, exerçam um papel social” (FERNANDES, 2011, p. 74).

Embora oficialmente não exista nenhuma mulher no grupo de foliões que sai da igreja de São Benedito para realizar a longa peregrinação pela região bragantina, José Moraes de Brito, conhecido nas comitivas pelo apelido de Zezinho, atual encarregado da Comitiva da Praia, relata que já aconteceu algumas situações atípicas, em que mulheres devotas do santo pedem para atuar como foliã por alguns dias e acompanhar o trajeto das comitivas pelo interior de Bragança.

Não é comum, mas já tivemos mulheres acompanhando a comitiva, sim. Um dos casos que eu mais me recordo foi de um pai que pediu que a filha dele acompanhasse a gente, em algumas casas pelo interior de Bragança. Ele disse que isso era uma promessa, que a moça só acompanharia a comitiva durante 5 dias. Nesse caso, como era uma promessa para o santo, eu não pude negar aquele pedido. E a moça acompanhou a gente, como se fosse uma foliã mesmo, visitava as casas, seguia todos os ritos da esmolação, os nossos horários de entrada e saída da casa. Como ela era a única mulher no grupo, eu precisava ficar atento em relação à privacidade dela. Por isso, nesse período, assim que a gente chegava numa casa de um promesseiro para pernoitar, eu procurava logo a dona da casa, explicava a situação e dizia para ela arrumar um quarto separado para a moça ter mais privacidade. Porque a gente, os foliões, fica no mesmo quarto, ou numa barraca, a gente dá o nosso jeito. Mas com uma mulher na comitiva, mesmo de forma temporária, era diferente. Eu como chefe da comitiva, tinha que ter esse bom senso, esse cuidado. (José Moraes de Brito, agosto/2021. Informação verbal)

Durante a caminhada, as comitivas se organizam com dois bandeiristas ou porta-bandeiras (Figura 8), que são responsáveis em conduzir os estandartes²⁸ de São Benedito. De acordo com o encarregado José Moraes de Brito, cada grupo apresenta uma cor de bandeira.

²⁸ Segundo os foliões entrevistados para esta dissertação, as bandeiras têm a função de identificar as comitivas e anunciar que o santo segue em caminhada pela comunidade. Por isso os bandeiristas ocupam a frente do cortejo.

Figura 8 – Bandeiristas da Comitiva da Praia.



Fonte: Acervo pessoal/Adison Santos/2012

A flâmula vermelha é da comitiva dos campos, a azul é da comitiva da colônia e a amarela representa a comissão da praia. O movimento das bandeiras se entrelaçando anuncia a chegada do santo.

Pelas ruas, à casa do devoto, ladeando o promesseiro e conduzindo-o desde a sua morada até a comitiva em cortejo, e vice-versa. São homens ou mulheres que levam o santo nas mãos, adornando com toalha de belo bordado e renda, que seguem, debaixo de guarda-chuva, para abrigar o santo de qualquer intempérie. Logo em seguida, postam-se os tocadores. (FERNANDES, 2011, p. 68)

Segundo Bitter (2008), o costume de se usar bandeiras ou estandartes em cortejos e procissões rituais no Brasil é uma herança portuguesa e tem origem nas corporações de ofícios medievais, irmandades religiosas e companhias militares. Cascudo (1999, p. 133) nota que a palavra bandeira vem de “bando, bandaria, grupo sob o mesmo símbolo”. De modo geral, as irmandades religiosas e os santos padroeiros têm suas bandeiras carregadas de representatividade. Não são meros objetos na arquitetura desses rituais, conforme destaca Bitter (2008, pp. 184-185):

A bandeira impõe certa formalidade e retidão, exigindo de foliões e devotos gestos e palavras comedidas. A seriedade e a contenção dominam a ambiência convencionalmente criada em seu entorno. A música que acompanha os ritos relacionados à bandeira tem este caráter solene. (...) a bandeira é alvo de contatos altamente ritualizados (...). tocar na bandeira é um gesto desejável e, de certo modo, restrito a determinadas pessoas.

Assim como as bandeiras cruzando o vento, a sonoridade é outro elemento característico do ritual de esmolação. Segundo Fernandes (2011), a musicalidade é um atributo importante na construção do ritual religioso, não só porque atrai o público, mas também em razão de servir

como reverência em toda liturgia cabocla. É através do canto e cadência dos tambores, e pelas vozes dos cantadores que se alcança a comunhão com o divino. “O multicolorido dos instrumentos – curimbós, pandeiros, tambor onça, reco-reco – também marca a alegre devoção desde cedo observada pelas crianças, futuros esmoleiros” (FERNANDES, 2011, p. 68).

A afirmação de Fernandes (2011) dialoga com os relatos dos atuais encarregados das comitivas. Durante as entrevistas desta pesquisa, José Moraes de Brito, o Zezinho, encarregado da comitiva da praia; Valdeci Silva dos Santos, responsável pela comitiva da colônia; e Antonio Ribeiro, da comitiva dos campos, afirmaram que a sonoridade dos instrumentos e das cantigas da esmolação foi o primeiro motivo que despertou neles o interesse em participar do ritual, ainda na infância.

Além da influência do meu pai, que era membro das comitivas, o motivo que mais me despertou interesse em participar das comitivas foi que eu me apaixonei por aqueles instrumentos, pelos sons e cantigas das comitivas. E até hoje eu sou apaixonado por isso. Eu lembro que quando eu era criança, várias vezes fugi da escola para seguir a comitiva que passava pela rua. Muitas vezes a professora ficava chateada comigo porque eu podia estar em sala de aula, mas quando ouvia aqueles tambores da comitiva passando próxima da escola eu deixava a sala, pulava o muro e não voltava mais. Isso fez eu abandonar os meus estudos, inclusive. Eu ainda consegui estudar até os 11 anos, até a quinta série, mas depois abandonei porque o que me encantava mesmo era acompanhar as comitivas (José Moraes de Brito, março/2021. Informação verbal)

O encantamento do folião José Brito (Figura 9) com a musicalidade dos grupos de esmolação o acompanha até os dias de hoje, segundo ele. Além de ter aprendido a tocar todos os instrumentos da comitiva de maneira autodidata, apenas observando atentamente a maneira como cada integrante manuseava o tambor de santo, o tambor onça, o reco-reco e o pandeiro, o atual encarregado da Comitiva da Praia também aprendeu sozinho a confeccionar os instrumentos musicais usados nas esmolações. Uma habilidade que ele se orgulha muito em fazer e já faz planos para repensar esses ensinamentos ao filho, de apenas 7 anos.

Figura 9 - José Moraes de Brito, o Zezinho, ao lado do filho, com os instrumentos que ele confecciona em casa.



Fonte: Acervo pessoal/Adison Santos/ 2021.

O depoimento do Zezinho lembra muito o relato do encarregado da Comitiva dos Campos, Antonio Ribeiro. “Eu decidi participar da caminhada de São Benedito desde que eu perdi a minha mãe, ainda criança. Antes disso, eu já me interessava por esse assunto porque eu gostava muito de ver e ouvir o batuque dos tambores, da onça roncar e o rolamento da bandeira”, relembra. A vontade de participar da comitiva era tanta, que ele começou a integrar os grupos de esmolação com apenas nove anos. “E desde então, desde essa época, eu faço parte das comitivas. Já passei pelos três grupos e hoje estou como encarregado do santo dos campos”, afirma Antonio.

A mesma experiência também é compartilhada pelo atual encarregado da Comitiva da Colônia, Valdeci Silva dos Santos. Segundo ele, a devoção por São Benedito é uma herança de família. “Como eu participo das rezas, das ladainhas, das orações em louvor ao santo desde criança, seguir na caminhada da comitiva foi algo natural”, explica o folião. “Com o tempo o envolvimento com a sonoridade das comitivas e a devoção pelo santo foi só aumentando, aumentando, até eu sentir uma espécie de ‘chamado’ do próprio São Benedito. E por isso decidi seguir nessa caminhada e estou nela até hoje”, revela.

Cada comitiva é formada por 10 a 12 homens, que se dividem nas funções de bandeiristas, tocadores de instrumentos (Figura 10) e rezadores. É a Igreja Católica, através dos padres da Paróquia Nossa Senhora do Rosário²⁹, da Diocese de Bragança, que coordena os grupos de esmolação.

²⁹ A Paróquia Nossa Senhora do Rosário existe desde o ano 1786. Com a criação da Diocese de Bragança, no ano de 1980, passou a ser a Catedral Diocesana. A paróquia é composta por 27 comunidades rurais e 12 comunidades urbanas, entre elas a igreja de São Benedito, onde ocorre a festividade do santo preto e a Marujada, em dezembro.

Figura 10 - Foliões responsáveis pela musicalidade das comitivas.



Fonte: Acervo pessoal/Adison Santos/ 2012

O primeiro passo é escolher os encarregados das comitivas, um para cada grupo. Em seguida, o encarregado com a orientação da Igreja faz uma triagem para escolher aquelas pessoas que irão compor as comitivas. Essa formação do grupo não é fixa e costuma mudar de um ano para outro.

No meu caso eu costumo escolher as pessoas que eu já conheço o trabalho ou então que eu ainda não conheço, mas foi muito bem recomendada por conhecidos. Faço a escolha dessa forma porque é preciso ter muita responsabilidade para seguir nessa caminhada. São quase oito meses de peregrinação. Tem o lado bom que é servir a São Benedito, levando ele de casa em casa, ajudando na devoção ao santo (...) mas tem o lado ruim, que é a ausência da família. Nem todo mundo está preparado para essa missão. Por isso, a importância da triagem, pois, quanto mais alinhada for a equipe, melhor será o resultado do nosso trabalho. (Antonio Ribeiro, agosto/2021. Informação verbal)

O relato de Antonio Ribeiro define bem a responsabilidade exigida para a função de encarregado. Geralmente o encarregado é alguém que já participa há muito tempo do serviço de esmolação e conhece todos os detalhes do ritual. Logo após a definição de cada comitiva, a Igreja assume o papel de assessoria das comitivas, distribuindo remédios, calçados e dando assistência financeira para os foliões. A Igreja também fiscaliza esses grupos, verificando se eles estão atendendo as necessidades da comunidade de promesseiros e devotos que recebem a imagem do santo em casa.

Fernandes (2011) afirma que participar de uma comitiva, na condição de encarregado ou folião, significa reconhecimento social e faz com que estes homens adquiram um capital simbólico pela importância dos seus atos. Além disso, também existe o capital financeiro, pois o encarregado e os foliões recebem pagamento mensal pelo trabalho. Até 2019, ano de realização da última caminhada da comitiva antes da pandemia, o pagamento mensal repassado

a eles era de 200 reais. Ainda em relação ao suporte financeiro, Fernandes (2011, p. 68) descreve:

Ao final dos oito meses de esmolação, os esmoladores têm participação percentual sobre o valor venal que foi arrecadado, para distribuição igualitária entre os membros de cada comitiva: em torno de 40% da arrecadação fica com eles, os 60% restantes fica com a Igreja. O dinheiro arrecadado com as vendas do leilão das promessas, no dia 26 de dezembro, fica integralmente com a Igreja.

Durante as caminhadas, as comitivas se organizam na seguinte ordem: primeiro os bandeiristas, liderando o cortejo, seguidos pelo promesseiro ou promesseira que carrega a imagem do santo preto, acompanhada do encarregado e logo atrás os foliões, tocadores dos instrumentos. Alencar (2014) destaca que uma das principais peculiaridades dos rituais da esmolação é o uso de uma toalha branca no ombro até as mãos da pessoa que carrega a imagem de São Benedito. O uso do adereço “é uma forma de impedir o contato direto do corpo com a imagem” (ALENCAR, 2014, p. 45).

Ao todo, são cinco as folias obrigatórias executadas todos os dias no período das caminhadas: a folia da “Chegada”, cantada quando a comitiva entra na casa do promesseiro para o pernoite, geralmente por volta das 16 ou 17 horas; a folia da “Ave Maria”, entoada pontualmente às 18 horas; a folia de “agradecimento à mesa”, cantada sempre após o jantar; a folia da “Alvorada”, executada às cinco horas da manhã; e a folia da “Despedida”, que é cantada na saída da casa do promesseiro. Alencar (2014) explica que as cantorias são entoadas em três vozes – voz principal, contralto e baixo (denominação utilizada pelos próprios foliões).

Segundo a pesquisadora Alencar, as ladainhas são rezadas em latim porque esta é a língua oficial da Igreja Católica. “Com o passar do tempo, as ladainhas acabaram sofrendo um processo de transformação, sendo modificado a partir da oralidade, com algumas interferências do português, com uma cor local própria do linguajar do nordeste paraense” (ALENCAR, 2014, p. 46). Há um folião responsável por rezar a ladainha – o encarregado – e mais dois cantores, contralto e baixo, que respondem as invocações. Os demais respondem em coro o refrão.

De acordo com o presidente da Irmandade da Marujada, a primeira comitiva a chegar na cidade é a Comitiva da Colônia, que costuma chegar do interior dia 10 de novembro; a segunda é a Comitiva dos Campos, que retorna para Bragança todo dia 23 de novembro; e por último, a Comitiva da Praia, que tradicionalmente chega à cidade através de uma procissão fluvial no dia 8 de dezembro e é recebida por uma multidão de devotos, conforme mostra a Figura 11.

Figura 11 - Chegada da Comitiva da Praia via procissão fluvial.



Fonte: Maico Ribeiro/Acervo cedido pela Fundação Educadora de Comunicação/2019.

Entre os três grupos de esmolação, a Comitiva da Praia é a que mais circula entre as classes sociais mais abastadas da cidade. Além disso, ela é a única comissão que chega ao município durante o feriado, dia de Nossa Senhora da Conceição. A chegada do santo preto pelas águas do rio Caeté é um evento que movimenta o município, pois, tradicionalmente, o grupo também é recebido por autoridades eclesiásticas e políticas locais, que aguardam o barco com o santo no cais do município.

O cortejo fluvial que marca o prenúncio da festa beneditina em Bragança é formado por dezenas de barcos ornamentados com flores, balões e bandeirinhas coloridas. A embarcação que carrega a comitiva de esmolação é chamada pelos devotos de “barco do santo”. Além dos foliões e da imagem do santo peregrino, que passou 8 meses circulando pela região litorânea, o veículo também carrega representantes da Igreja Católica, os juízes da festividade e profissionais da imprensa local.

Diferente das duas outras comitivas que percorrem os bairros periféricos de Bragança, a Comitiva da Praia caminha muito mais pela área central do município e costuma frequentar as casas de famílias bragantinas com maior poder econômico. “Essa situação acaba invertendo o verdadeiro sentido de toda a devoção por São Benedito em Bragança. Ele é o santo dos pobres, um santo popular e não o santo das elites”, alerta o historiador bragantino Dário Benedito Rodrigues, em entrevista concedida para a monografia do meu Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo (SANTOS, A. C. S dos; GAMBÔA, A. J.A e GONÇALVES, K. R, 2010).

As comitivas da Colônia e dos Campos retornam para a cidade, após a peregrinação de quase 8 meses, de forma bem diferente do grupo citado acima. Além de chegarem caminhando pelos bairros mais afastados do centro, a chegada delas costuma ser aguardada apenas pelos

devotos donos das casas onde os foliões irão pernoitar. Durante esse período, o raio de atuação delas se limita aos distritos mais periféricos da cidade, onde atendem os devotos, antes de retornarem oficialmente para a igreja.

Segundo o historiador Dário Benedito Rodrigues, um das justificativas para explicar a maior comoção local pela comitiva da praia, comparada aos outros grupos, está na narrativa oral de que a imagem carregada pela comitiva praiana foi achada por pescadores no rio Caeté, e sempre que retirava de lá voltava para o lugar onde foi encontrada. Esse enredo se repete nas histórias de imagens de santos que originaram festas grandiosas, como a de Nossa Senhora Aparecida, no interior de São Paulo, e a de Nossa Senhora de Nazaré, em Belém.

Dário relata que não existe nenhum relato histórico que comprove essa narrativa. Ele explica que, assim como as outras duas imagens, o santo da praia também foi feito por artesãos ligados à igreja de São Benedito.

A única diferença deste santo com relação aos outros dois é a forma como foi esculpida a imagem. O São Benedito da Praia leva em suas mãos um buquê de flores, fazendo uma alusão ao milagre do santo que transformou flores em pão. Já as duas outras imagens, dos santos da Colônia e dos Campos, é a tradicional, em que traz o santo segurando o menino Jesus no colo. (Dário Benedito Rodrigues, dezembro/2008. Informação verbal. In: SANTOS, A. C. S dos; GAMBÔA, A. J.A e GONÇALVES, K. R, 2010)

A respeito da narrativa do santo milagroso encontrado nas águas do rio Caeté, Alencar (2014) ressalta que o povo tem a necessidade de evidenciar a origem do elemento sagrado. Ao “partir de um achado conduzido pelo próprio Deus, a imagem deixa de ser somente um ícone e transforma-se em um ser divino, com vontades próprias, que efetiva a intermediação com o próprio Deus, através dos milagres” (ALENCAR, 2014, p. 36). Nesse sentido, o São Benedito de Bragança se torna um milagre conferido não somente em nome do santo, mas também em nome da própria imagem, com suas próprias características e seus modos atribuídos pelos devotos.

A entrada das comitivas na igreja de São Benedito (Figura 12) é outro momento marcado por muitos significados. Para Silva (1997), essa etapa representa o fim de um ciclo de peregrinação e o início do chamado “tempo de espera” para muitos foliões. Após oito meses de caminhada, as imagens retornam para a igreja em clima de festa e são reconduzidas ao altar, onde aguardarão cerca de 3 meses, até a nova jornada de esmolações.

Figura 12 - Entrada da Comitiva da Praia na Igreja de São Benedito.



Fonte: Acervo pessoal/Adison Santos/ 2012.

Nas imagens descritas acima é possível notar o quanto a entrada das comitivas na igreja atrai uma multidão de devotos do santo em Bragança. O cortejo é liderado pelas Marujas de São Benedito que, vestidas em trajes informais, atuam como guardas do santo. De mãos dadas, usando longos colares, camisas com estampa religiosa e saias floridas, as mulheres organizam uma espécie de “cordão de isolamento”, protegendo os foliões e a imagem peregrina do santo durante todo o cortejo que ocorre ao redor do templo, na orla da cidade.

Cada comitiva possui uma data para entrar na igreja. “Dia 16 de dezembro pela tarde entra duas imagens, a dos Campos e a da Colônia, já no dia 17 pela manhã entra o santo da Praia”, conta o presidente da Irmandade da Marujada. Diferente dos outros cortejos realizados pelas comissões, no ritual da entrada a imagem de São Benedito é carregada em um andor e não mais no colo de um devoto como acontece nas tradicionais caminhadas do ciclo da esmolação.

O hiato entre o fim e o início das peregrinações anuais é apontado como “um tempo de dificuldade” pelos foliões entrevistados na pesquisa. Antonio Ribeiro, encarregado da Comitiva da Colônia, afirma que é um momento difícil para muitos foliões, “principalmente em relação à fonte de renda. Nenhum de nós tem emprego, renda fixa”, relata. Por isso, a ausência desse serviço e, conseqüentemente, do dinheiro vindo dele, faz com que esse tempo seja de incerteza em relação à vida financeira.

Valdeci dos Santos, encarregado da Comitiva da Colônia, compartilha do mesmo sentimento relatado acima. Ele conta o quanto é difícil conviver longe das esmolações.

A gente se acostuma com as esmolações. Quando eu não tô esmolando eu faço uns trabalhinho aqui e ali pra ganhar um dinheirinho pra sobreviver, mas não me sinto feliz. Pra mim essa é a pior época, a época que o santo fica na igreja. O que eu gosto mesmo é de tá nas esmolações, participar das cantorias, das ladainhas, levar São Benedito a seus promesseiros. É isso que me faz feliz. (Valdeci dos Santos, outubro/2021. Informação verbal)

2.4 Cultura popular, religiosidade e hibridismo

Procurando compreender o caráter popular e de resistência cultural presentes nas comitivas de esmolação, esta pesquisa se ancora nos estudos de Canclini (1983), que conceitua as culturas populares como resultantes de um processo de apropriação desigual dos bens econômicos e culturais de uma nação ou etnia por parte de seus setores minoritários. “Essas culturas são o resultado de uma apropriação desigual do capital cultural, realizam uma elaboração específica das suas condições através de uma interação conflitiva com os setores hegemônicos” (CANCLINI, 1983, p. 44).

É importante também destacar a discussão sobre a abordagem do hegemônico e do subalterno na cultura popular, a partir de Martín-Barbero (2003). De acordo com o autor, nem toda assimilação do hegemônico pelo subalterno representa submissão, assim como a mera recusa dessa assimilação não significa necessariamente resistência. “Nem tudo que vem ‘de cima’ são valores da classe dominante, pois há coisas que vindo de lá respondem a outras lógicas que não são as da dominação” (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 119).

Um espaço de resistência da cultura popular se estabelece quando há a negação e a oposição à ideologia dominante que busca se apropriar de um determinado espaço, criando assim uma relação de conflito. Essa relação conflituosa fica evidente em alguns pontos que se destacam no ritual da esmolação, como a transmissão oralizada de orações e ladainhas em latim pelos integrantes da comitiva. Muitos integrantes da comissão de esmolação são analfabetos ou semialfabetizados, mas mesmo assim, conseguem absorver e retransmitir o repertório de mensagens em latim apenas decorando a sonoridade das palavras

Ainda em relação à abordagem hegemônica, vale citar o conceito de hegemonia defendido por Gramsci (1978). O autor afirma que é muito comum um determinado grupo social, que está num papel de subordinação com relação a outro grupo, adotar a concepção do mundo deste, mesmo que ela esteja em completa contradição com a sua atividade prática.

Martín-Barbero (2003) explica que Gramsci relaciona cultura popular à subalternidade como um vetor espontâneo que pode adquirir um valor político progressista de transformação.

Fernandes (2011) observa que para os devotos a imagem, por extensão, é humanizada, apresentando uma relação de maior proximidade com aqueles que necessitam de milagres. “Isso faz com que as imagens/santos possam ser intermediários entre os homens e deus, pois, como já foram ‘gente’, melhor intercedem” (FERNANDES, 2011, p. 85). Ao entrar nas casas com suas ladainhas e orações, as comitivas conseguem estabelecer um sentimento distante do racional, pois, durante esses ritos observa-se uma transmutação do espaço habitualmente normal em algo sagrado.

Eliade (2018) destaca que esses elementos são essenciais para a ligação entre o divino e o profano (ou o não sagrado). Ao destinarem um cômodo da casa ornamentado para receber a imagem do santo (Figura 13), os devotos convertem esses espaços em locais sagrados.

Figura 13 – Altar montado pelos devotos que recebem São Benedito.



Fonte: Acervo pessoal/Adison Santos/2019.

Na imagem em destaque é possível notar uma série de símbolos que constroem a atmosfera representativa da devoção beneditina no entorno de Bragança. A ornamentação do altar com adereços e objetos da própria casa do devoto, como mosqueteiro e toalha de renda branca, ajudam a criar um espaço de acolhimento e ao mesmo tempo de formalidade na residência. A posição dos instrumentos, abaixo do altar, é um sinal de referência ao santo, que ocupa a posição central no altar caseiro.

Ao lado da imagem peregrina da Comitiva da Praia, outra imagem de São Benedito em tamanho maior também demarca o território da devoção beneditina na região. O espaço, que

antes funcionava como sala da casa dos devotos é ressignificado com a montagem do altar e passa por um processo de cosmização, conforme explica Eliade (2018).

“As ladainhas, flâmulas e o cortejo da população proporcionam a cosmização dos territórios” (ELIADE, 2018, p. 35). Isso faz com que esses recintos guardem, mesmo para o homem mais francamente não-religioso, uma qualidade excepcional, única: são os ‘lugares sagrados’ do seu universo privado, “como se neles um ser não-religioso tivesse tido a revelação de uma outra realidade, diferente daquela de que participa em sua existência cotidiana”. (ELIADE, 2018, p. 28).

Neste sentido, é válido ressaltar aqui o conceito de “lugares sagrados” proposto por Eliade (2018). Segundo o autor, esses espaços são carregados de significados relativos à divindade, à religião ou aos ritos, onde o mundo profano é transcendido. Portanto, todo espaço sagrado implica uma hierofania, ou seja, uma manifestação reveladora do sagrado, que tem como resultado um território do meio cósmico que o envolve e o torna qualitativamente diferente dos demais espaços. “Manifestando o sagrado, um objeto qualquer torna-se outra coisa e, contudo, continua a ser ele mesmo, porque continua a participar do meio cósmico envolvente” (ELIADE, 2018, p. 28).

É durante a prática da esmolação que o laço dos devotos com o santo preto – como São Benedito é chamado carinhosamente em Bragança – passa do campo espiritual para o campo real. Fernandes (2011) ressalta que é no decorrer da ladainha e louvação ao santo que a fé e o ritual atingem seu clímax.

É o momento de súplicas que lembram o suplício do negro escravizado nestas plagas, é quando o santo se humaniza como intercessor dos homens junto a Deus, é quando a imagem posta à sala da casa se transfigura. Em meio a tambores, pandeiros, onças e reques, as vozes dos cantores e do rezador entoam seus cantos em “latim caboclo”, as mãos e as faces expressam reverência ao santo, as velas se acendem, os olhos umedecem, no olhar que mira o santuário de muitas imagens e memórias de agradecimentos. (FERNANDES, 2014, p. 70)

Segundo Silva (1997), o uso do guarda-chuva para “proteger São Benedito” dos raios solares está ligado diretamente ao fato dos devotos se relacionarem com o santo não como uma entidade celestial, mas como um ser vivo. É comum ouvir entre os devotos expressões como “vou visitar São Benedito na casa do vizinho”, “o santo dormiu hoje lá em casa”, “tô preparando um almoço especial pro Benedito”, “vou pra casa que o santo tá me esperando”.

Sant’Anna (2016) reforça a afirmação de Silva (1997) e explica que durante o período de esmolação São Benedito atua como um verdadeiro hóspede/proprietário das casas dos promesseiros. Nesses espaços, todo o protagonismo é do santo. Os foliões exercem o papel de

coadjuvantes. Nesse sentido, o autor chama a atenção para cosmologia complexa dos povos amazônicos, que permite a transladação entre a pajelança cabocla e as práticas católicas dentro de um mesmo espaço.

As expressões “catolicismo popular” e a “pajelança cabocla” são entendidas por Heraldo Maués (1995) como relacionados ao modo de ser católico, e ao mesmo tempo pajé, na região amazônica. Ambos são reconhecidos e respeitados por atuarem nos dois campos religiosos. Nesse contexto é importante lembrar que ao falar de catolicismo popular, Maués (1995) não o entende como o catolicismo das populações das classes baixas, mas como o catolicismo praticado pelas pessoas que compõem o povo em geral, leigos, em contraposição ao catolicismo oficial praticado pela Igreja enquanto instituição hierárquica, retirando, portanto, qualquer ambiguidade ou sentido depreciativo da palavra popular.

A humanização do santo, a partir de uma relação que transcende os campos real e espiritual, também está presente nas narrativas dos foliões. Um exemplo é a história contada pelo encarregado da comitiva das colônias, Valdeci dos Santos. Em entrevista concedida para esta pesquisa, ele relatou uma experiência já compartilhada no documentário “Beneditos”, da Rede Cultura de Comunicação, em 2012, no qual afirma ter se encontrado pessoalmente com São Benedito em forma humana.

Teve um ano que eu pensei em não ir na caminhada das esmolações, queria ficar um tempo mais em casa, cuidando da minha mãe. Mas na véspera do dia marcado para a saída da comitiva, após eu já ter tomado a decisão de não ir, São Benedito veio em casa, balançou na minha rede me pediu para participar da comitiva. Não podia recusar esse convite. Por isso, pedi perdão para ele, mudei de ideia e decidi retomar na caminhada de esmolação. (Valdeci dos Santos, agosto/2021. Informação verbal)

Outro exemplo é um relato do encarregado Antonio Ribeiro. Ele afirma que no final dos anos 1990³⁰, durante uma caminhada da comitiva da colônia, São Benedito visitou pessoalmente um devoto que estava há vários dias acamado e sem previsão de melhoras.

Eu lembro como se fosse hoje. O nome do devoto era seu Batista, ele estava doente há vários dias, tinha sofrido um derrame. A família já estava sem esperança que ele melhorasse e por isso na véspera do dia marcado para a visita na casa dele, eles me procuraram para cancelar a reza lá. Eu estava numa casa próxima, na mesma comunidade rural. Nesse mesmo dia, durante a reza da noite, na outra casa, nós da comitiva pedimos para o santo interceder pela saúde do seu Batista. No outro dia, de manhã cedo, a gente estava se preparando para sair da casa quando o filho dele aparece lá e disse que o pai levantou da cama e exigiu a nossa presença lá. Quando a gente chegou na casa, o devoto contou que estava deitado quando viu chegar um rapaz perto da cama dele e falar: “Batista, amanhã a gente vem pra cá. Pode se levantar. Amanhã eu chego com o Antonio”. Foi só ele ouvir isso e na hora se

³⁰ O folião não soube precisar qual o ano ocorreu o episódio, só disse que foi no final da década de 1990, pois tem dúvida se foi nos 1997, 1998 ou 1999.

levantou. Mas quando olhou para o lado, o rapaz já tinha sumido. Pra mim, até hoje, isso é uma coisa que marcou muito. Eu tenho certeza que foi São Benedito em forma humana que visitou o seu Batista. (Antonio Ribeiro, agosto/2021. Informação verbal)

Zezinho também cita um episódio onde a interferência direta do santo foi fundamental para livrar o grupo de esmolações de um assalto, durante o pernoite numa comunidade rural de Bragança.

Antigamente era comum a gente andar com um cofre para guardar todos os donativos recolhidos durante a esmolação. Esse cofre ficava na minha responsabilidade e só entregava ele para a Igreja quando a comitiva retornava para Bragança. Até então, ninguém nunca tinha mexido nele. Mas certa vez, durante uma pernoite no interior, assim que acabou toda a movimentação na casa, após a reza, eu desci para tomar banho num igarapé que ficava atrás dessa residência. Isso era comum, tomar banho à noite, antes de dormir. Peguei a toalha, o sabonete e fui em direção ao banho. Mas assim que me aproximei do igarapé, eu senti alguém soprando no meu ouvido, como se fosse um amigo contando um segredo. A voz dizia para eu pegar o cofre, porque estavam planejando roubar o nosso dinheiro naquela noite. Na mesma hora, não pensei duas vezes voltei no quarto e peguei o cofre e escondi numa bolsa e desci para o banho novamente. Assim que chego no igarapé eu ouço disparo de tiro. Um grupo de ladrão entrou na casa e foi direto no lugar onde ficava o cofre, mas ele não estava mais lá. Eles ainda procuraram no quarto onde a gente ficava, chegaram a disparar tiro contra a casa. Mas graças a Deus e a São Benedito, que soprou no meu ouvido para eu agir rápido, ninguém ficou ferido. E ainda consegui salvar o dinheiro. (José Moraes de Brito, agosto/2021. Informação verbal)

O relato do encarregado da Comitiva da Praia sobre a humanização do santo, que neste caso interfere diretamente para proteger os donativos recebidos durante a peregrinação, também denuncia a vulnerabilidade e insegurança vivida pelos foliões durante o ciclo das esmolações, principalmente nas áreas rurais. O episódio descrito por Zezinho não é um caso isolado. Situações semelhantes relacionadas à furtos e ameaças de roubo do dinheiro recolhido na peregrinação também são citadas pelos outros encarregados.

O aumento desse cenário de insegurança levou a equipe organizadora da Festividade a alterar a logística em relação ao controle do dinheiro recebido. Com a mudança, os encarregados de cada grupo deixaram de andar com o cofre durante a peregrinação. E com isso, o dinheiro recebido durante as caminhadas passou a ser guardado em bolsas menores e sempre que possível era depositado no banco pelo próprio encarregado para evitar os roubos com o dinheiro acumulado de semanas.

3 INTERAÇÃO, MEMÓRIA E NARRATIVAS

O terceiro capítulo pretende abordar os processos de interação e apreender os sentidos de narrativas orais dos esmoladores de São Benedito. A partir da análise crítica da narrativa de Luiz Gonzaga Motta (2013), o trabalho almeja mostrar como esses relatos constroem a memória coletiva do ritual. Além disso, a escuta atenta dos entrevistados vai permitir compreender como a memória é acionada para a construção de identidades e ressignificações desse grupo no presente por meio de entrevistas em profundidade com o aporte da História oral de Meihy e Holanda (2013).

Este tópico também tem a finalidade de detalhar a narrativa oral dos sujeitos investigados e para isso se fundamentará nos estudos de Maria Victoria Reyzábal (1999). A autora explica que dentro de determinados grupos sociais, a comunicação oral implica uma função autoafirmativa, responsável pela transmissão do discurso que a comunidade sustenta a si mesma, assegurado a sua continuidade.

Nesse sentido, o capítulo busca explicar as narrativas dos foliões colhidas durante a pesquisa de campo e a partir desses relatos identificar as percepções desses sujeitos sobre religiosidade. Ancorado pelos trabalhos de Jacques Le Goof (2003) e Maurice Halbwachs (2006) a dissertação também busca compreender como os atores sociais das comitivas de esmolação de São Benedito produzem significados sobre essa manifestação em processos de interação em Bragança.

3.1 Processos de Interação

Para compreender a interação social gerada a partir das comitivas de esmolação na região bragantina, esta dissertação utiliza como base os estudos de José Luiz Braga (2012) sobre as interações sociais como processo comunicacional. Para o autor, o objetivo e o objeto do campo de estudos em comunicação, de modo quase tautológico, é observar como a sociedade conversa e interage com a sociedade.

Nesse sentido, Braga (2012) afirma que uma maneira intuitiva e não “determinante” de referir-se à interação social, também chamada por ele de interação comunicacional, é considerar que esta trata dos processos simbólicos e práticos que organizando trocas entre os seres humanos, “viabilizam as diversas ações e objetivos em que se veem engajados (por exemplo, de área política, educacional, econômica, [...] ou estética) e toda e qualquer atuação que solicita

co-participação [*sic*]” (BRAGA, 2011, p. 66).

O teórico ressalta ainda que a interação social/comunicacional também decorre do esforço humano de enfrentar as injunções do mundo e de desenvolver ou criar atuações para seus objetivos. Um exemplo é o próprio “estar em contato”, que pode ocorrer tanto de forma solidária, como de forma conflitiva – ou ainda com dosagens variadas de ambos; por coordenação de esforços ou por dominação. Outro exemplo é a conversação.

O termo “conversação” tem a vantagem de não se confundir com qualquer outro tipo de interação social. A expressão “conversar” chama a atenção imediatamente para o aspecto de troca comunicacional (ainda que o objeto de uma “conversa” possa ser de diversas naturezas [...]). Os modos e objetivos específicos são deixados em segundo plano, e a palavra enfatiza a troca e o fato de que essa troca é uma comunicação. Poderíamos assim dizer que o objetivo e o objeto do Campo de Estudos em Comunicação, de modo quase tautológico, é observar como a sociedade conversa com a sociedade. (BRAGA, 2011, p.66)

Nesse sentido, o autor afirma que as interações são o lugar de ocorrência da comunicação. Segundo Braga (2012), passar mensagens, fazer circular produtos e trocar ideias também são condições necessárias para produzir comunicação. No artigo *Circuito versus campos sociais*, o teórico propõe que:

a rigor não é o 'produto' que circula - mas encontra um sistema de circulação no qual se viabiliza e ao qual alimenta. O produto, entretanto, é um momento particularmente auspicioso da circulação - [...] por sua permanência e também porque se molda ao mesmo tempo em que busca moldar os ambientes em que se põe a circular, torna-se um especial objeto de observação para inferências sobre os processos mais gerais em que se inscreve. (BRAGA, 2012, p. 41)

A partir do conceito apresentado acima, Braga (2012) propõe que não é possível separar previamente a comunicação de seu contexto interacional. Nesse contexto, é válido destacar o processo de interação social/comunicacional gerado pelas comitivas de esmolação de São Benedito de Bragança durante o período de peregrinação. As práticas da conversação e do “estar em contato”, que constituem a troca comunicacional entre os sujeitos desta pesquisa podem ser descritas, sobretudo, durante a troca simbólica provocada pela visita das comitivas na casa dos devotos.

Conforme afirma Fernandes (2011), no decorrer da esmolação a casa se torna pública, uma espécie de templo do santo, todos os devotos, vizinhos, moradores locais possuem livre trânsito pelo espaço doméstico. Há uma publicização do privado (Figura 14), mediante a festa gerada pela presença da imagem de São Benedito na residência. É nesse cenário que a interação social/comunicacional se constitui de forma mais intensa, enfatizando os processos de ida-e-volta, na troca entre interlocutores.

Figura 14 - Reza da Comitiva da Praia na comunidade Camutá, em Bragança.



Fonte: Fabricio Bragança/Acervo cedido pela Fundação Educadora de Comunicação/2019.

Em seu livro *Comunicação organizacional: o treinamento de recursos humanos como rito de passagem*, Rudimar Baldissera (2000) afirma que a comunicação pode ser compreendida como um processo de construção e disputa de sentidos. Para o autor, essa concepção ocorre devido à importância que a significação assume nos processos comunicacionais e o quanto esta permite pensá-los como complexos e atualizados por articulações e tensões dialógico-recursivas.

De acordo com pesquisador, a centralidade que a significação assume para a comunicação que, “como construção e disputa de sentidos, dá ares de estar condenada a habitar o território das versões, o limbo do devir e/ou ser a fugacidade de um presente possível, mas que não se deixa ‘tomar’; seduz e se desfaz” (BALDISSERA, 2008, p. 3).

O autor também chama a atenção para o fato de que a significação contempla a articulação dos sentidos num determinado contexto eco-psico-histórico-sócio-cultural. Além disso, atualiza o sentido em relação a uma situação. Trata-se, pois, de algo aberto, plural e variável. Para Compagnon (2001, p. 86 *apud* BALDISSERA 2008, p. 3), “[...] a ‘significação’ é o objeto da ‘aplicação’ do texto ao contexto de sua recepção (primeira ou ulterior) e, portanto, de sua avaliação”.

Eco (1991, pp. 39-40) afirma que signo é uma entidade em permanente transformação, a significação experimenta o permanente (re)tecer. "Novas informações e experiências (de quaisquer naturezas) permitem ao sujeito reconhecer nos mesmos signos novas porções de significação e conferir a signos diferentes a mesma significação, ampliando ou restringindo, organizando ou desorganizando e construindo ou desconstruindo a significação atribuída" (BALDISSERA, 2008, p. 3).

A doutora em Psicologia Social Wanda M. Junqueira de Aguiar (2006) explica que as duas categorias, significado e sentido, não podem ser vistas ou compreendidas desvinculadas uma da outra, uma vez que uma não existe sem a outra, embora ambas sejam diferentes e possuam suas singularidades. Para a pesquisadora, os significados “constituem o ponto de partida: sabe-se que ele contém mais do que aparenta e que, por meio de um trabalho de análise e interpretação, pode-se caminhar para zonas mais estáveis, fluidas e profundas, ou seja, as zonas de sentido” (AGUIAR, 2006, p. 14).

A pesquisadora Alessandra Capuchinho (2007), citando Aguiar e Ozella (2006), explica que os significados permitem a comunicação e a socialização de nossas experiências, apesar de serem relativamente estáveis. A autora destaca que os significados "também precisam ser compreendidos como constituídos pela unidade contraditória do simbólico e do emocional. [...] A fim de se compreender melhor o indivíduo é preciso considerar que os significados contêm mais do que aparentam" (CAPUCHINHO, 2007, p. 53).

Os conceitos sobre significado, significação e sentido, destacados nos parágrafos acima, nos ajudam a responder a problemática desta pesquisa a respeito dos significados produzidos pelos foliões das comitivas de esmolação em seus processos de interação no município de Bragança.

3.2 Memória e Identidade

A memória afetiva é um elemento que atravessa as narrativas dos quatro integrantes das comitivas de São Benedito entrevistados na pesquisa. Todos afirmam que a devoção pelo santo e a vontade de participar do ritual de esmolação surgiram durante a infância. “A minha devoção pelo santo começou desde criança. Graças a Deus, herdei isso dos meus pais”, afirma João Batista da Silveira. Ele lembra que o envolvimento com as comitivas era tão forte na infância, que o ritual virou até tema de brincadeira com os amigos.

Quando era menino eu fazia um tambor junto com outras crianças da rua e brincava de comitiva do santo. A gente fazia de conta que era uma comitiva de esmolação de verdade, a gente saía andando nas casas dos vizinhos, nas casas dos parentes, cantando, levando uma imagenzinha de São Benedito e acreditando que era uma comitiva de esmolação mesmo (João Batista da Silveira, dezembro/2020. Informação verbal).

Situação semelhante foi vivida por Zezinho. Integrante das comitivas de esmolação há 27 anos, ele também admite ter sido influenciado pela devoção dos pais. “A devoção a São

Benedito foi uma herança deixada pelos meus pais. Além da devoção que tinha em casa, o meu pai era membro das comitivas e sempre que possível me levava para ver as rezas. Foi através disso que fui me apegando com o santo”, lembra o atual encarregado do Santo da Praia.

As lembranças de acompanhar os ritos dos grupos de esmolação quando menino também estão presentes na memória do Valdeci dos Santos, folião há 29 anos ininterruptos e atual encarregado da Comitiva da Colônia. Ele conta que a primeira vez que participou de um ritual de esmolação foi aos seis anos. “Lembro como se fosse hoje. Aquilo me encantou. Nos anos seguintes eu continuei acompanhando as comitivas, observando como se reza a ladainha e pensando que um dia poderia fazer parte também”.

Dentre todos os relatos relacionados ao envolvimento dos foliões com a devoção a São Benedito ainda na infância, certamente o que chama mais atenção é do atual encarregado da Comitiva dos Campos. Antonio Ribeiro afirma que começou a integrar o ritual de esmolação com apenas nove anos de idade.

A minha primeira caminhada com São Benedito foi com o pessoal da comitiva da praia, em 1989. Eu era um menino de 9 anos na época. Foi mais uma caminhada de experiência. Mas aí, com o passar do tempo eu fui me envolvendo mais com aquilo e quando perdi a minha mãe anos depois, pra não ficar só em casa, decidi aceitar o convite do encarregado na época para participar como integrante definitivo da comitiva. (Antonio Ribeiro, agosto/2020. Informação verbal)

É interessante notar nos depoimentos acima que os entrevistados afirmam a força da intercessão do santo, enfatizando a potência do discurso beneditino na região. Segundo Lima (2014), além de proporcionar os milagres aos devotos, esse discurso os transforma em verdadeiros guardiões, capazes de preservar sua veracidade. “O discurso religioso é tão manipulador que chega ao ponto de tornar o devoto, além de dependente e propagador, um verdadeiro mártir em sua defesa. Nesse sentido, o que move os fiéis devotos é a fé” (LIMA, 2014, p. 76).

Esta pesquisa também ouviu quatro devotas de São Benedito que recebem as comitivas em casa, na cidade de Bragança. Assim como os foliões, todas as entrevistadas afirmam ser devotas do santo desde a infância. Outra característica comum entre os integrantes das comitivas e as anfitriãs ouvidas nesta investigação é o fato de ambos considerarem o ritual de esmolação como uma “tradição familiar”, herdado dos pais ou dos avós.

Quando questionadas pelo motivo que decidiram receber a comitiva em casa, todas as mulheres são unânimes em responder “por uma promessa ou graça alcançada”. Outra característica comum a todas as entrevistadas é o fato do planejamento financeiro para a preparação do banquete servido aos membros da comitiva. As famílias anfitriãs se organizam

para que no dia da visita não haja nenhum imprevisto com relação à comida servida ao grupo (café da manhã, almoço, lanche e janta) e aos outros devotos que visitam a casa neste dia (lanche ou mingau).

“Minha avó teve uma doença grave que os médicos não sabiam dizer a causa. Por essa razão, ela entregou a sua enfermidade pra Deus, pedindo a intercessão de São Benedito. E graças à intercessão do santo, ela foi curada e começou a cumprir a promessa que fez”, relata a atendente de farmácia, Regyvânia Ferreira, em entrevista realizada em março de 2021. Ela conta que a promessa da avó já dura quase 60 anos e já atravessa gerações na família. “Mesmo após a morte da vovó, a nossa família decidiu continuar com a promessa, recebendo comitiva do santo em casa para manter viva essa tradição, que certamente prosseguirá nas próximas gerações”, afirma.

Também foi um problema de saúde que motivou a agricultora Marília Costa Santiago Morais a fazer uma promessa para receber a comitiva dos campos anualmente em casa. “Eu e o meu marido tivemos problemas de saúde, eu tive tuberculose e ele apendicite quase na mesma época. Aí nós decidimos fazer uma promessa e dissemos que se a gente ficasse curado a gente receberia a comitiva em casa”, lembra Marília. Segundo ela, a promessa inicial era para receber os foliões apenas uma vez, mas a emoção provocada pela visita do ritual de esmolação fez ela rever os seus planos.

A promessa era para receber a comitiva apenas um ano mesmo. A ideia era agradecer a graça alcançada e ponto. Mas a gente se sentiu tão bem com o milagre recebido e achou aquele momento tão bonito, tão emocionante, que decidiu repetir isso todos os anos. Desde 2004 eu e o meu marido recebemos a Comitiva da Colônia em casa. E queremos receber todos os anos enquanto a gente estiver com vida. (Marília C.S Morais, março/2021. Informação verbal)

Os relatos da aposentada Luzia Quadros e da pedagoga Andreia Braga também se assemelham com os depoimentos acima. Tanto Luzia quanto Andreia afirmam que as visitas das comitivas em casa já duram décadas e que elas são resultado de agradecimentos a uma graça alcançada por intercessão do santo preto. “Receber São Benedito em casa é um motivo de enorme alegria e importância não só para mim, mas para toda a minha família”, afirma a aposentada. “Em casa, nós fomos ensinados a ser devotos de São Benedito desde muito cedo. Por isso, receber as comitivas é um momento muito especial e que renova a nossa tradição familiar, destaca a pedagoga.

Para essas devotas, receber a comitiva do santo em casa é uma forma de retribuir e ao mesmo tempo agradecer pela cura divina concedida através de São Benedito. É um dos dias mais esperados do ano, de acordo com elas. A família ergue um altar na sala de casa, reúne os

parentes e vizinhos, organiza os espaços para acomodar os integrantes das comitivas e prepara um banquete para o dia da festa.

Em todos os relatos citados acima é nítido o quanto as narrativas orais são excelentes dispositivos para comunicar as experiências vividas com o santo. Jacques Le Goff (2003) afirma que a memória é a propriedade de conservar certas informações, propriedade que se refere a um conjunto de funções psíquicas que permite ao indivíduo atualizar impressões ou informações passadas, ou reinterpretadas como passadas. O estudo da memória passa da Psicologia à Neurofisiologia, com cada aspecto seu interessando a uma ciência diferente, sendo a memória social uma das ferramentas fundamentais para se abordar os problemas do tempo e da História.

Le Goff (2003) também ressalta que a memória é expressa tanto de forma individual quanto coletiva. Para o autor, cada sujeito revela uma subjetividade que se manifesta em algo representativo do passado e, a partir do momento que as lembranças e experiências são compartilhadas por outros grupos sociais, a memória torna-se coletiva. Nesse sentido, a memória contribui para a apropriação de saberes estabelecidos por entre as experiências dos grupos sociais, fornecendo um elo entre memória e narrativa.

O sociólogo Maurice Halbwachs (2006) propõe o tratamento da memória como fenômeno social, considerando que há uma parte de nossa memória individual construída pela sociedade e há uma parte da sociedade que funciona como memória. Segundo o autor, existe uma nítida distinção entre memória coletiva e memória histórica: pois, enquanto há, segundo ele, uma História, existem diversas memórias.

Para Halbwachs (2006), boa parte das lembranças de um indivíduo é relativa a momentos compartilhados com outros, seja no ambiente familiar, no trabalho e em comunidade de uma forma geral. De acordo com o sociólogo, a memória coletiva é, ao mesmo tempo, evocação, lembrança de um acontecimento vivido, testemunho, narrativa histórica e escolha do passado, interpretação, comemorações, monumentalização, restos históricos e traços do passado.

Fundamentada nos conceitos de Halbwachs (2006), a pesquisadora Marialva Barbosa (2007) afirma que memória também diz respeito ao sistema de valores de um grupo. Ela ressalta que "é devido a essa característica que possuímos também a ilusão de que nossa memória nos fará afetivamente rever o passado. Ou seja, somos atravessados pela ilusão da repetição" (BARBOSA, 2007, p. 49).

A pesquisadora também destaca que memória coletiva se refere à memória partilhada em função de algo vivido em comum por diversas pessoas que formam uma coletividade, seja grande ou pequena, a família ou a comitiva de esmolação no interior do Pará, por exemplo. Para

Barbosa (2007), memória coletiva também é o que classificamos como memória histórica, ou seja, a presença dos grandes mitos coletivos – testemunhos, histórias de vida e autobiografias – que fornecem a ilusão de que o passado pode ser tornado presente.

Lima (2014) explica que o estudo histórico da memória coletiva começou a se desenvolver com a investigação oral. Esse tipo de memória gira em torno quase sempre de lembranças do cotidiano do grupo idealizando o passado. Outra característica da memória coletiva, segundo a autora, é que ela “fundamenta a própria identidade do grupo ou comunidade, mas normalmente tende a se apegar a um acontecimento considerado fundador, simplificando todo o restante do passado” (LIMA, 2014, p. 49).

A partir desses conceitos de memória coletiva e individual, é válido afirmar o quanto os testemunhos dos foliões e devotos de São Benedito compartilhados nesta pesquisa são importantes para a manutenção dos rituais de esmolação do santo preto na região bragantina. Afinal, sem memória, o presente de uma cultura perde as referências ideológicas, econômicas, políticas e sociais que a originaram e, conseqüentemente, formam a sua identidade.

Michael Pollak (1992) afirma que pensar a construção da memória só é possível quando relacionada diretamente ao tema da identidade. O autor aponta que, na construção da identidade, é preciso levar em conta três elementos essenciais: a unidade física (remetendo à ideia de lugar, ou seja, à concepção espacial); a continuidade dentro do tempo (não só no sentido físico, mas moral e psicológico); e “o sentimento de coerência, ou seja, de que os diferentes elementos que formam um indivíduo são efetivamente unificados” (POLLAK, 1992, p. 204).

Embora identidade, em sua matriz etimológica, seja referente à *idem*, tornar comum, o mesmo, idêntico, é preciso levar em conta que só se define o mesmo em relação ao outro. Para Goffman (1978), identidade é uma categoria transitiva que implica relação de semelhança e concomitantemente de diferença. Portanto, a construção da identidade, em termos sociais, que podemos entender como a maneira pela qual me vejo e desejo ser visto pelos outros, nunca será puramente individual (pela própria matriz etimológica de indivíduo, aquele que é único, que não se divide), mas sim pensada em relação ao coletivo.

Ana Lucia Enne (2004) destaca que identidade, na sua dimensão social, é um conceito que necessita do outro para ser referendado. Em outras palavras, não se constrói identidade para si e por si. É preciso interagir para que ela faça sentido. Dessa forma, a ideia de identidade remete, necessariamente, aos processos de interação entre indivíduos numa sociedade.

3.3 Interações entre bênçãos e emoções: as ausências da pandemia

A satisfação em participar do ritual de esmolação é outro elemento que unifica os discursos dos foliões entrevistados. Todos ressaltam a alegria e o entusiasmo em fazer parte das comitivas e o quanto o acolhimento dos devotos funciona como incentivo para seguir na caminhada. “A sensação é de alegria. A gente fica maravilhado por participar desse momento tão importante para as famílias católicas. Levar São Benedito para casa de cada devoto e ver a emoção deles em receber aquela imagem é algo muito satisfatório”, destaca Zezinho.

Sentimento semelhante é compartilhado pelo aposentado João Batista da Silveira. Mesmo afastado dos serviços de esmolação há cinco anos devido às limitações físicas da idade, o ex-folião, que já exerceu a função de encarregado nas três comitivas, guarda com carinho as lembranças dos tempos de esmolação. “Eu tenho orgulho de dizer que sou abençoado por ter sido membro das comitivas de São Benedito. Andando por aí nas casas dos promesseiros já ouvi muitos testemunhos de graça recebida pelo santo”, recorda.

“É muito bom fazer parte da comitiva. A gente leva emoção para o povo, a gente se sente abençoado, com muita saúde e disposição pra continuar. Olhar pra aquelas pessoas emocionadas com a presença do santo sempre me deixa feliz”, conta Valdeci dos Santos. O encarregado afirma que a recepção dos devotos a cada visita da comitiva sempre o deixa emocionado.

A cada nova visita na casa dos devotos o nosso sentimento de satisfação com esse trabalho se renova. A gente vê gente chorar de alegria, chorar de emoção, chorar de tanta fé, chorar de cantar. É uma festa quando a comitiva chega na casa do devoto. E sempre somos muito bem recebidos nas casas. Eles nos dão a melhor refeição, o melhor paladar, o melhor agrado. É uma emoção muito forte chegar na casa de cada promesseiro e ser bem recebido. (Valdeci dos Santos, março/2021. Informação Verbal)

Antonio Ribeiro também resalta a satisfação em fazer parte da comitiva há 30 anos e afirma que o momento da chegada do santo à casa dos devotos é um dos mais marcantes do ritual. “A comissão sempre é muito bem recebida pelos promesseiros de São Benedito. Eles tratam a gente como se nós fossemos da família deles. É como se fosse um pai, um avô, um filho que tivesse fora e retornasse naquele momento para a casa”, destaca.

Mesmo com todos os rituais de devoção a São Benedito em Bragança interrompidos pela pandemia em 2020, uma interrupção inédita em 222 anos da festa, decidi manter a agenda da primeira etapa da pesquisa de campo e em dezembro daquele ano visitei o município. Durante a visita, entrevistei os atores sociais da esmolação, destacados ao longo da dissertação,

e fiz registros fotográficos do largo de São Benedito (Figura 15), na cidade. O local que em anos anteriores concentrava uma multidão de devotos do santo, e entre eles os integrantes das comitivas, estava completamente vazio.

Figura 15 - Largo de São Benedito, no dia 26 dezembro de 2020.



Fonte: Acervo pessoal/Adison Santos/2020.

Marcada por dias festivos, multidão de devotos, reencontros, rezas, danças e alegria, a festividade de São Benedito de Bragança, ocorrida entre os dias 18 a 26 de dezembro foi substituída pelo silêncio em 2020. Nos dias 25 e 26, o ápice da festividade, as sonoridades da mazorca e do retumbão, ritmos característicos da manifestação, foram caladas. As danças de marujos (Figura 16) em forma de agradecimento ao santo e as aglomerações de turistas e devotos ao redor do barracão da Marujada foram trocadas pelo vazio provocado pelo isolamento social.

Figura 16 - Marujos e Marujas dançando no barracão da Marujada, em 2019, com o tradicional traje usado no dia de Natal.



Fonte: Acervo pessoal/Adison Santos/2019.

O Museu da Marujada, palco das apresentações de danças, manteve-se de portas fechadas. A imagem do local em nada lembrava as festas do passado. Não houve música, rituais

de dança, nem o tradicional leilão ao lado da igreja. Não houve aglomeração de marujos e marujas caminhando com seus trajes oficiais e nem ambulantes vendendo recordações da festa. É como se a alegria tradicional da festividade estivesse suspensa, distante do seu local de origem.

A única maruja que circulava ao redor da igreja estava com máscaras e apresentava um semblante de tristeza. “Tenho fé em Deus e em São Benedito que ano que vem será diferente. A alegria da festividade voltará ao seu estado normal”, comentou a professora aposentada Maria Castelo Branco³¹. Devota de São Benedito há 40 anos, professora Castelo, como é conhecida na cidade, era a única maruja que circulava pelo largo de São Benedito, entre 9h e 11h do dia 26 de dezembro.

Os relatos colhidos na primeira etapa da pesquisa de campo foram fundamentais para repensar a construção metodológica deste trabalho. Em 2020 as comitivas de esmolação não realizaram as suas tradicionais caminhadas que percorrem a cidade de Bragança e diversos municípios da região. Por esse motivo, as três imagens do santo preto, cada qual pertencente a uma comitiva, ficaram guardadas na igreja de São Benedito.

O cancelamento do ritual de esmolação em 2020, devido às restrições impostas pela pandemia, se estendeu para o ano seguinte. Em 2021, as comitivas também não saíram às ruas. A medida, que já havia provocado tristeza entre os atores sociais entrevistados em 2020, repetiu-se por mais uma festividade. As devotas relataram angústia em não receber o santo em casa após a espera de dois anos. Palavras como “tristeza” e “sensação de vazio” foram repetidas por todas elas quando questionadas a respeito do cancelamento das comitivas provocado pelo Covid-19.

“A expectativa de receber as comitivas tem um significado muito importante para a minha família, pois somos a última casa visitada na cidade e a comitiva sai daqui direto para a igreja de São Benedito, fechando assim mais um ciclo de esmolações”, afirma Andreia Braga. Para ela, “ver esse ritual suspenso por dois anos, sem dúvida, é muito angustiante”. A devota explica que a paralisação do ritual afetou toda a família, mas todos entenderam que a interrupção foi uma medida necessária. “Foi uma decisão para o nosso bem. E temos fé que logo, logo esse ritual vai recomeçar e as famílias poderão receber novamente as comitivas”, ressalta.

“Ficou uma sensação de vazio no nosso calendário familiar, pois essas visitas já fazem parte da nossa rotina há vários anos. No entanto, esperamos com fé em São Benedito que em

³¹ Entrevista concedida para esta pesquisa no dia 26 de dezembro de 2020.

breve receberemos a comitiva novamente em nosso lar”, comenta a aposentada Luzia Quadros. É com essa mesma esperança que a família da Regyvânia já se prepara para receber as comitivas em 2022.

Só na minha família a tradição em receber o ritual de esmolação já dura mais de 50 anos. Isso não pode acabar, assim, dessa forma. Por isso ficamos muito tristes com essa paralisação, mas a nossa expectativa para o próximo ano é a melhor possível. Vamos nos preparar para fazer uma acolhida do santo muito melhor, um banquete muito mais especial. Porque esse momento de retomada precisa ser muito comemorado (Regyvânia Ferreira, março/2021. Informação verbal)

Os foliões também descreveram sentimentos de melancolia em não sair nas caminhadas e a aflição em não saber quando o ritual voltará, de fato, às ruas e às casas dos devotos. “Não ter a caminhada foi muito triste não apenas para os integrantes das comitivas, mas para os devotos também. A gente ficou sem saber o que fazer, ficou com medo, angustiado. Eu nunca na vida imaginei que a esmolação ficaria suspensa, sem ter ideia de quando a gente voltará para as caminhadas”, relata Antonio Ribeiro.

“Eu reagi com tristeza. Pois eu pensava que isso não chegaria pra nossa terrinha de Bragança. Pra quem estava acostumado a sair todos os anos na comitiva foi um baque grande”, afirma Zezinho. O encarregado do Santo da Praia lembra que antes da pandemia se alastrar pelo país, entre final de fevereiro e início de março³², todos os três encarregados ainda participaram de uma reunião com os padres da igreja de São Benedito e Irmandade da Marujada, em fevereiro, para começar a definir o cronograma da caminhada de 2020. Mas semanas depois os planos precisaram mudar em razão das medidas sanitárias.

No caso dos foliões, além dos sentimentos de tristeza, a paralisação das atividades também representou a ausência de recursos financeiros. Como nenhum deles possui emprego ou renda fixa, a falta de dinheiro provocada pela interrupção das esmolações, que significava uma fonte de renda garantida durante 8 meses no ano, acabou intensificando a pobreza e a vulnerabilidade social entre a maioria dos integrantes das comitivas, conforme explica o folião José Brito, o Zezinho:

A verdade é que durante esse tempo ficamos desamparados tanto pela Igreja como pelo poder público, que fala tanto em preservar a cultura de Bragança, mas numa hora dessas não faz nada. Ninguém nos procurou, nem Igreja, nem Secretaria de Cultura do município, ninguém. Não tivemos auxílio, nenhuma ajuda dessas autoridades, nada. Eu reconheço que a minha situação era até bem melhor que muito

³² Segundo o portal de notícias G1, o primeiro caso confirmado de Covid-19 no Brasil ocorreu no dia 26 de fevereiro de 2020 na cidade de São Paulo (SP). Fonte: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/08/26/primeiro-caso-confirmado-de-covid-19-no-brasil-ocorreu-em-sp-e-completa-seis-meses-nesta-quarta.ghtml>. Acesso em: 10 Dez. 2021.

dos meus colegas de comitiva, pois, mesmo não possuindo uma renda fixa, eu tenho casa própria, não pago aluguel e a minha esposa é funcionária pública. É ela que tem me dado esse suporte nesse momento de crise. Mas essa não é a realidade da maioria, infelizmente. Muitos dos meus colegas moram em casa alugada e não têm nenhuma outra fonte de renda. O dinheiro que sustentava eles, vinha das comitivas. Mas sem as esmolações como, eles vão receber? Isso é muito triste. Cheguei a ver gente em situação de miséria, passando necessidade mesmo. Eu tive que tirar do meu bolso, com a ajuda de amigos para ajudar. Isso não deveria acontecer, pois essas pessoas são trabalhadores, fomentam a cultura popular no município e ajudam a manter uma tradição de mais de duzentos anos [...] e por isso deveriam ser mais valorizadas. (José Moraes de Brito, agosto/2021. Informação verbal)

O desabafo do folião descreve a situação de vulnerabilidade vivida pelos integrantes das comitivas e ao mesmo tempo cobra posicionamentos de instituições que deviam fornecer amparo social a esses homens que, como afirma Zezinho, “fomentam a cultura popular no município”. A reivindicação levantada pelo encarregado da Comitiva da Praia é compartilhada pelos foliões Valdeci Santos e Antonio Ribeiro, das comitivas da Colônia e dos Campos, respectivamente, que também reclamam da falta de apoio da Igreja e do poder público durante o período de paralisação das atividades.

As denúncias apresentadas pelos foliões a respeito da falta de atendimento e acompanhamento social tanto por parte da Igreja quanto da Prefeitura Municipal de Bragança, através da secretaria de cultura, foram encaminhadas às instituições citadas pelos entrevistados. Durante a pesquisa, entrei em contato com a secretária da paróquia de Nossa Senhora do Rosário, responsável pela administração da festividade do santo, e com a secretaria de cultura do município, mas ambas não responderam aos questionamentos levantados pelos foliões.

Mesmo após insistentes contatos por e-mail e telefone, destacando a importância do posicionamento dos dois órgãos para a consolidação desta pesquisa de mestrado, Igreja e prefeitura ignoraram o pedido de esclarecimento sobre a falta de apoio aos foliões durante o período mais crônico da pandemia. O e-mail com a solicitação de posicionamento das duas instituições está nos Anexos D e E desta dissertação.

3.4 Narrativas de devoção

Para analisar os discursos dos produtores do ritual de esmolação destacados nesta dissertação, o trabalho utilizou os aportes teórico-metodológicos da Análise Crítica da Narrativa, elencados pelo jornalista e professor Luiz Gonzaga Motta (2013). Segundo o autor, todos nós somos seres narrativos e narrar é uma experiência enraizada na existência humana. Portanto, fazer uma análise crítica da narrativa significa “assumir uma atitude analítica aguçada

e compreensiva: lançar sobre o objeto um olhar escrutinador, sistemático e rigoroso, através de processos que permitam relacioná-lo ao seu contexto de produção e de recepção” (MOTTA, 2013, p. 19).

Motta defende que toda narrativa possui uma intencionalidade. Seja na modalidade factual ou fictícia, o sujeito narrador dispõe tática e estrategicamente de sucessão de fatos com o objetivo de tecer uma totalidade compreensiva. Em outras palavras, toda narrativa se origina em uma estratégia enunciativa. A respeito da intencionalidade dos interlocutores no processo de produção do sentido, o autor escreve:

Ao tomar a decisão de contar uma estória, seja um conto maravilhoso, um filme, uma biografia, ou uma simples piada alguém tem em mente uma intencionalidade (um efeito de sentido pretendido) que é transferido para o ato de fala narrativo e que interfere na configuração da estória. Ninguém conta uma história ingenuamente. (MOTTA, 2013, p. 38)

Para o autor, as narrativas nunca podem ser analisadas isoladamente, sob pena de perderem seu objeto determinante. É impossível desconsiderar as manobras e ferramentas discursivas decorrentes das intenções do autor/narrador na análise, sejam elas conscientes ou inconscientes. Motta (2013) afirma que as narrativas criam significações sociais, são produtos culturais, inseridos em certos contextos históricos cristalizam as crenças, os valores, as ideologias, a política, a cultura, a sociedade inteira.

Segundo Motta (2013), cabe ao analista da narrativa evidenciar pistas de efeito de real (veracidade) e contribuir para a constatação dos possíveis efeitos estéticos de sentido (a comoção, a ironia, a esperança, etc.) no receptor da mensagem. “As narrativas realistas utilizam uma linguagem referencial para vincular sempre os fatos ao mundo físico, mas criam efeitos catárticos, como na ficção” (MOTTA, 2013, p. 196). Para ele, a retórica dessas narrativas estimula um permanente jogo entre as intenções do narrador e as interpretações do receptor.

O autor afirma que as narrativas enquanto objetos de estudo podem ser analisadas em três instâncias expressivas – que ocorrem de forma superpostas umas às outras, sem hierarquia entre tais divisões. Essas três instâncias de análise são: plano da expressão (linguagem ou discurso); plano da estória (conteúdo) e plano da metanarrativa (tema de fundo). “Podemos, talvez, considerar os dois primeiros planos predominantemente estéticos, enquanto o terceiro seria predominantemente ético (cultural e/ou ideológico)” (MOTTA, 2013, p. 135).

O plano da expressão é apontado por Motta (2013) como o plano de superfície do texto, através do qual o enunciado narrativo é construído pelo narrador. De acordo com o teórico, é

nesse plano que a intencionalidade do narrador e suas estratégias de linguagem para produzir determinados efeitos de sentido (comoção, medo, riso, etc.) podem ser reveladas.

A segunda instância, também chamada de plano da estória, concentra a atenção do intérprete no plano de conteúdo da narrativa. Motta (2013) explica que é neste nível que ocorre uma análise centrada na representação dos significados imaginados, evocadas através de sequências de ações cronológicas e causais desempenhadas por personagens, estruturando uma intriga (enredo ou trama). “É o plano de conteúdo da estória, plano dos mundos possíveis da ficção, embora ocorra igualmente, com grau e dimensões diferentes, nas narrativas fáticas” (MOTTA, 2013, p. 137).

A partir dessas afirmações, podemos constatar que o plano da estória está concentrado na ordem cronológica das narrativas, que apresenta um breve panorama do passado, contextualiza o presente e faz projeções para o futuro. Nos relatos dos sujeitos investigados, observamos o problema, apresentado como a doença que precisa ser curada (passado); a cura, apresentada como a graça alcançada por intercessão do santo (presente) e a devoção em agradecimento a São Benedito que é reafirmada em cada depoimento (futuro). Essa construção de começo, meio e fim relatada na estória é organizada pela própria ordem dos relatos.

É também nesse segundo plano que ocorre a construção e solução da intriga/conflito da trama. A doença (intriga) é solucionada com a cura, graças à intercessão de São Benedito. Assim como a vontade de não participar do ritual de esmolação (intriga), no caso relatado pelo encarregado da comitiva das praias, Valdeci dos Santos, é resolvido após a aparição do próprio santo que pede para o encarregado repensar essa vontade e o convence a participar da comitiva como um ato de reafirmação de sua fé.

A terceira instância ou plano da metanarrativa está relacionada ao tema de fundo. Segundo Motta (2013), é nesta etapa que os motivos de fundo ético ou moral são encontrados na estória. O autor destaca que a metanarrativa é o plano da realização da fábula, da cosmovisão ou do *mythos* aristotélico. Em outras palavras, são as situações éticas fundamentais constituídas pelo narrador no momento em que ele se dispõe a narrar.

Com base nas afirmações acima, podemos constatar que o plano de metanarrativa dos relatos analisados ressalta a forte devoção a São Benedito na cidade de Bragança e região, validada através de depoimentos dos próprios produtores da manifestação cultural. Esse discurso é reforçado pelas diversas frases de efeito dos entrevistados como “Receber São Benedito em casa tem um significado muito grande para a minha família”; “Fui curado graças São Benedito”; “Todos os anos eu faço questão de receber São Benedito na minha casa”; e “É uma alegria muito grande levar São Benedito para dentro da casa das pessoas”.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A conclusão desta pesquisa comprova, antes de qualquer outra análise, a tese do paradigma emergente de Boaventura Santos (2008), de que "Todo conhecimento é autoconhecimento", citado no capítulo de Introdução. A investigação sobre as narrativas e os processos de interação produzidos através das comitivas de esmolação de São Benedito de Bragança, também funcionou como uma oportunidade de autoconhecimento, principalmente pelo retorno as minhas memórias afetivas.

Não há como negar que esta dissertação foi atravessada pela subjetividade de um pesquisador que nasceu em Bragança e viveu toda a infância e adolescência no município do nordeste paraense, cercado pela atmosfera cultural dos grupos de esmolação. As lembranças das sonoridades dos tambores, das rezas e das folias presentes nas minhas memórias foram intensificadas durante o período dessa investigação.

Uma constatação que reforça a tese de Santos (2008), sobretudo, quando ele fala que a ciência atua de forma autobiográfica. Compreender esse pensamento é fundamental para entender que os sujeitos investigados neste trabalho não são e nunca foram meros objetos de pesquisa. Afinal, como defende Jean-Luc Moriceau (2020), autor que dialoga com os conceitos de Boaventura, quanto mais próximo é o nosso contato com os objetos e sujeitos investigados, mas seremos afetados por eles.

Mas, além do afeto, a pesquisa também apresenta resultados a respeito do problema levantado. Os significados produzidos pelos foliões em processos de interação em Bragança estão nos discursos e nas práticas de apropriação do santo preto, que atravessam gerações na região bragantina. Seja de forma direta ou indireta, consciente ou inconsciente, o processo de interação social/comunicacional gerado pelas comitivas de esmolação de São Benedito, durante o período de peregrinação, retroalimenta o elo dos devotos com o divino.

Ao retirar o santo do espaço formal do altar/igreja/Clero e colocá-lo dentro de casa, num espaço informal e intimista, sem o controle institucional da Igreja naquele recinto, as comitivas de esmolação ampliam e ao mesmo tempo humanizam o diálogo/interação do devoto com o "intercessor direto de Deus". O santo que já foi humano, oprimido e pobre, sente-se acolhido na simplicidade da casa do anfitrião e ao mesmo tempo acolhe quem o procura.

É nesse cenário que ocorre o fortalecimento da apropriação de São Benedito pelos moradores da região bragantina. Essa apropriação é construída cotidianamente através das narrativas compartilhadas pelos sujeitos investigados. Sant'anna (2016) afirma que essas

narrativas funcionam como suporte de devoção. As histórias de São Benedito formam os emaranhados das narrativas que vão ligando promesseiro, encarregados e todos os devotos do santo às festividades. Tal afirmação dialoga com os conceitos de Fernandes (2011) sobre narrativas que delimitam o “espaço de devoção” a São Benedito no território de Bragança.

Para o autor, as narrativas dos devotos carregam a marca de uma territorialidade que vai além do espaço geográfico. Esses discursos, que formam a devoção, representam modos de demonstrar a ação dos sujeitos no sentido de demarcar a ocupação do espaço da bragantidade de teor beneditino, revelando “um uso específico – a devoção – que implica no controle da região cultural – o entorno de Bragança – por uma prática ritual, garantindo-se a identidade, por uma rede estável de relações, entre devotos” (FERNANDES, 2011, p.133).

A rede de relações, citada pelo pesquisador, pode ser entendida como um espaço onde a promessa e o pagamento desta garantem o *feedback* constante com a identificação com o santo, gerando uma retroalimentação na atmosfera local. Esse processo faz com que “todos os sujeitos desse território e região cultural sintam-se ligados e permaneçam coesos pela identificação com o ritual, seja pela Marujada ou pela esmolação” (FERNANDES, 2011, p.133).

Diante do que foi apresentado, é válido afirmar que as memórias e as narrativas, construídas a partir das experiências dos devotos de São Benedito, enriquecem o universo histórico, cultural e social da região bragantina. Além disso, esses dois elementos também fundamentam e projetam a formação da identidade entre os sujeitos investigados nesta pesquisa. Ferrara (2000) explica que essas memórias são permanentemente reformuladas e vivenciadas de diferentes maneiras, ora como comemoração, quando as lembranças são vistas como positivas para a identidade do grupo, ora como esquecimento, quando ameaçam a unidade e a imagem que ela possui de si mesmo.

Ao longo da pesquisa também foi possível identificar o quanto a pandemia de Covid-19 alterou os sentimentos e comportamentos dos devotos e foliões que pela primeira vez na vida não puderam receber o santo e nem sair com a imagem nas ruas na tradicional caminhada dos grupos de esmolação. Em todos os relatos ouvidos durante os dois anos de investigação, que coincidiram com a interrupção das comitivas, devido às restrições das autoridades sanitárias, os sujeitos investigados descreveram sentimentos de tristeza, angústia e incertezas quanto ao retorno do ritual de esmolação,

Nas quatro visitas que fiz ao município de Bragança durante o período de construção desta pesquisa: dezembro de 2020, março de 2021, agosto de 2021 e dezembro de 2021, os sentimentos descritos acima se repetiram. Mas é importante destacar que a interrupção inédita

dos grupos de esmolação em 222 anos de festividade também afetou os produtores do ritual em aspectos diferentes. No caso dos foliões, os sentimentos de frustração e impotência em relação ao momento atípico tiveram uma maior intensidade devido a condição de vulnerabilidade social vivida por eles, conforme detalhada no capítulo anterior.

É importante ressaltar que as narrativas compartilhadas frequentemente pelos devotos e foliões também ajudam a reverberar os discursos e as práticas de apropriação de São Benedito pelos devotos bragantinos. Seja através das experiências de agradecimento por uma graça alcançada ou de relatos de humanização do santo, essas histórias atravessam as memórias e o imaginário da população, reafirmando-se a cada novo ciclo da festividade.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Larissa Fontinele de. **No rastro dos “pés descalços”**: da Marujada à narrativa literária. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Bragança. Curso de Pós-graduação em Linguagens e Saberes da Amazônia, Bragança, 2014.
- AGUIAR, W. M. J. **Sentidos e significados do professor na perspectiva sócio-histórica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.
- ALVES FILHO, Armando et. AL. **Pontos de História da Amazônia**. 3 ed. Belém: Paka-Tatu, 2001.
- BALDISSERA, Rudimar. **Comunicação organizacional**: o treinamento de recursos humanos como rito de passagem. São Leopoldo, Editora Unisinos, 2000.
- BALDISSERA, Rudimar. **Significação e comunicação na construção da imagem-conceito**. Revista Fronteiras - estudos midiáticos. São Leopoldo/RS, p. 193-200, set/dez, 2008.
- BARBOSA, Marialva Carlos. **Percursos do olhar**: comunicação, narrativa e memória. Niterói: EdUFF, 2007.
- BESEN, José Artulino. **São Benedito**. 3ª Edição, Missão Jovem, Florianópolis, 2012.
- BEOZZO, José Oscar. Irmandades, Santuários, Capelinhas de Beira de Estrada. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, Vozes, v. 37, n. 148, p. 741-758, dez 1977.
- BITTER, Daniel. **A Bandeira e a Máscara**: estudo sobre a circulação de objetos rituais nas Folias de Reis. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Rio de Janeiro, 2008.

BORDALLO DA SILVA, Armando. Contribuição ao Estudo do Folclore Amazônico na Zona Bragantina. In.: **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Edição nº. 05, Série Antropologia, Belém-PA, 1959.

BORDALLO DA SILVA, Armando. **A integração Amazônica e o Estado do Caité**, Separata da Revista da Universidade Federal do Pará, 1974, p. 157-173.

BRAGA, José Luiz. Constituição do Campo da Comunicação. In.: **Verso e Reverso**, São Leopoldo/RS, ed. 58, p. 62-77, janeiro-abril, 2011.

BRAGA, José Luiz. Circuitos versus Campos Sociais. In: MATT OS, Maria Ângela; JANOTT I JÚNIOR, Jeder; e JACKS, Nilda (orgs.). **Mediação e Mdiatização**. Livro Compós 2012. Salvador: EDUFBA, p. 31-52, 2012.

BRAGA, José Luiz. Interação como contexto da Comunicação. In.: **Matrizes**, São Paulo/SP, vol. 6, ed, 1, p. 25-41, julho-dezembro, 2012. ISSN:1982-2073. Edição eletrônica disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=143024819003>

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Folclore**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
CAMINHANDO, com Toni Benedito Soares. Direção: Felipe Cortez. Produção: Maicon Gomes. [S.l]: Cultura Rede de Comunicação, 2017. 1 DVD (21 min.)

CANCLINI, Néstor García. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas** - estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 1997.

CANCLINI, Néstor García. **Diferentes, desiguais e desconectados** – Mapas da interculturalidade. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

CAPUCHINHO, Alessandra de Oliveira. **Significados e sentidos produzidos pelo professor sobre o ensino fundamental de nove anos**. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação, São Paulo, 2007.

ECO, Umberto. **Tratado geral de semiótica**. 2ª ed., São Paulo, Perspectiva, 1991.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o Profano**: a essência das religiões; tradução Rogério Fernandes. – 3ª ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018.

ENNE, Ana Lucia. Memória, identidade e imprensa em uma perspectiva relacional. In: **Revista Fronteiras** - estudos midiáticos. São Leopoldo/RS, Vol. 2, p. 101-116, julho/dezembro, 2004

FERRARA, Lucrecia D'Alessio. **Os Significados Urbanos**. São Paulo: Ed. da USP, 2000.

FERNANDES, José Guilherme dos Santos. **Pés que andam, pés que dançam**: Memória, identidade e região cultural na esmolação e marujada de São Benedito em Bragança (PA). Belém: EDUEPA, 2011, pp. 147.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro, Guanabara, 1978.

GOMES, Laurentino. **Escravidão Vol. 1**: do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares, volume 1. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2021 [cap. 22].

GRAMSCI, A. **Concepção dialética da história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1978.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2016.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais LTDA, 2006.

HALEY, Alex. **Negras raízes**: a saga de uma família. São Paulo: Record, 1976.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: **História e Memória**. Campinas: Unicamp, 2003, pp. 423-477.

LIMA, Yleana do Socorro dos Santos. **Linguagem, Memória e Narrativa Oral**: três formas de refletir sobre as práticas de milagres em São Benedito, Bragança-Pará. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Bragança. Curso de Pós-graduação em Linguagens e Saberes da Amazônia, Bragança, 2014.

LOPES, Nei. **Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana**. Perdizes: Selo Negro, 2004.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 2003.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. **Padres, pagés, santos e festas**: catolicismo popular e controle eclesial. Belém: CEJUP, 1995.

MEIHY, José Carlos; HOLANDA, Fabíola. **História oral**: como fazer, como pensar. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2007.

MORICEAU, Jean-Luc. **Afetos na pesquisa acadêmica**. Belo Horizonte: Fafich/Selo PPGCOM/ UFMG, 2020.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise Crítica da Narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

NONATO DA SILVA, Dário Bendito Rodrigues. **Os donos de São Benedito**: convenções e rebeldias entre o catolicismo tradicional e devocional na cultura de Bragança, século XX. Belém: [s.n.], 2006. f.: 202.

PINHEIRO JÚNIOR, Benedito Ubiratan de Sousa. **Mulheres marujas**: a figura feminina na festa de São Benedito na cidade de Bragança/PA. Dissertação (Mestrado) – Universidade

Federal do Pará, Campus Universitário de Bragança. Curso de Pós-graduação em Linguagens e Saberes da Amazônia, Bragança, 2016.

POLLACK, M. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, 1992.

ROSÁRIO, Ubiratan. **Saga do Caeté**: folclore, história, etnografia e jornalismo na cultura amazônica da Marujada, Zona Bragantina, Pará. Coleção Caeté. Belém: CEJUP, 2000.

REYZÁBAL, Maria Victoria. **A comunicação oral e sua didática**. São Paulo: EDUSC, 1999.

SALLES, Vicente. **O negro no Pará**: sob o regime da escravidão. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, Belém: UFPA, 1971. 336 p. (Coleção Amazônica. Série José Veríssimo). Disponível em: <http://livroaberto.ufpa.br/jspui/handle/prefix/48>. Acesso em: 01 de março de 2021.

SANT'ANNA, Elcio. "**Não brinca com São Benedito**": um estudo antropológico das narrativas nas devoções beneditinas de Bragança/PA. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2016.

SANTOS, Adison C.S; COSTA, Vania Maria Torres. **Narrativas de devoção**: análise do documentário "Beneditos", da TV Cultura do Pará. In: Trabalho apresentado no IV Encontro de Antropologia Visual da América Amazônica, realizado entre os dias 17 e 20 de novembro de 2020 em formato remoto, Belém, 2020.

SANTOS, A. C. S dos; GAMBÔA, A. J.A; GONÇALVES, K. R. **Do Retumbão ao altar**: Um estudo cultural sobre a cobertura telejornalística da Festividade do Glorioso São Benedito de Bragança/PA. Belém, 2010. 202 f. Monografia (Graduação em Jornalismo) Faculdade de Estudos Avançados do Pará, Belém, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. 5.ed. São Paulo, Cortez, 2008.

SILVA, Dedival Brandão da. **Os Tambores da Esperança**. Belém: Falangola, 1997.

TURNER, Victor W. **O Processo Ritual: estrutura e antiestrutura**. Petrópolis: Editora Vozes, 1974.

ANEXO A – Roteiro de perguntas direcionadas aos entrevistados da pesquisa.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ - UFPA
 INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO - ILC
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, CULTURA E AMAZÔNIA

Questionário aplicado aos atores sociais da Festividade do Glorioso São Benedito de Bragança/Pa

Etapa: 1

Período: dezembro/2020

GRUPO 1: Devotas de São Benedito que recebem as comitivas em casa

1. Pra começar essa entrevista eu queria que a senhora contasse um pouco sobre a sua história. Qual o seu nome? Onde nasceu? Onde cresceu? E desde quando a devoção por São Benedito é presente na sua vida?
2. Qual das 3 comitivas a senhora costuma receber em casa?
3. O que São Benedito representa para a senhora?
4. Que lembranças a senhora tem das comitivas de esmolação durante a sua infância?

GRUPO 2: Foliões das Comitivas de São Benedito

1. Pra começar essa entrevista eu queria que o senhor contasse um pouco sobre a sua história. Qual o seu nome? Onde nasceu? Onde cresceu? E desde quando a devoção por São Benedito é presente na sua vida?
2. Qual das 3 comitivas o senhor já atua ou já atuou como folião?
3. O que São Benedito representa para o senhor?
4. Que lembranças o senhor tem das comitivas de esmolação durante a sua infância?

Questionário aplicado aos atores sociais da Festividade do Glorioso São Benedito de Bragança/Pa

ETAPA: 2

PERÍODO: março/2021

GRUPO 1: Devotas de São Benedito que recebem as comitivas em casa

1. Há quanto tempo a senhora recebe as comitivas de esmolação em casa?
2. O que significa para a senhora ser devota de São Benedito e receber essas comitivas em casa?
3. O que a motivou e o que a motiva receber as comitivas de esmolação do santo em sua casa?

GRUPO 2: Foliões das Comitivas de São Benedito

1. Há quanto tempo o senhor é folião da comitiva de São Benedito?
2. O que significa para o senhor ser folião da comitiva de São Benedito e visitar a casa dos devotos?
3. O que o motivou e motiva a participar das comitivas como folião?

Questionário aplicado aos atores sociais da Festividade do Glorioso São Benedito de Bragança/Pa

ETAPA: 3

PERÍODO: agosto/2021

GRUPO 1: Devotas de São Benedito que recebem as comitivas em casa

1. Como funciona a preparação da sua família para receber as comitivas de esmolação em casa?
2. Como a senhora descreve a recepção das comitivas na casa da senhora?
3. Como essa visita movimenta a sua família e a comunidade ao redor?
4. Até quando a senhora pretende receber as comitivas em casa?

GRUPO 2: Foliões das Comitivas de São Benedito

1. Como funciona a sua preparação para participar dos 8 meses de caminhada da comitiva de esmolação?
2. Como o senhor descreve a recepção dos devotos que recebem as comitivas em casa?
3. Na sua opinião, como essa movimenta a sua família do devoto anfitrião e a comunidade ao redor?

4. Até quando o senhor pretende ser folião das comitivas do santo?

Questionário aplicado aos atores sociais da Festividade do Glorioso São Benedito de Bragança/Pa

ETAPA: 4

PERÍODO: dezembro/2021

GRUPO 1: Devotas de São Benedito que recebem as comitivas em casa

1. Na sua avaliação, qual o papel das comitivas de esmolação no fortalecimento da devoção por São Benedito?
2. Como a senhora reagiu durante a interrupção das comitivas provocada pela pandemia?
3. Quais as suas expectativas para a retomada do ritual de esmolação pós-pandemia?

GRUPO 2: Foliões das Comitivas de São Benedito

1. Na sua avaliação, qual o papel das comitivas esmolação no fortalecimento da devoção por São Benedito?
2. Como o senhor reagiu durante a interrupção das comitivas provocada pela pandemia?
3. Quais as suas expectativas para a retomada do ritual de esmolação pós-pandemia?

ANEXO B – Cartaz das Festividade de São Benedito de 2020 – primeiro ano da pesquisa de campo em Bragança/PA.



ANEXO C – Cartaz das Festividade de São Benedito de 2021 – segundo ano da pesquisa de campo em Bragança/PA.



ANEXO D – Solicitação de resposta direcionada à paróquia Nossa Senhora do Rosário, em Bragança/PA, responsável pela administração da Festividade de São Benedito.

30/05/2022 15:57

E-mail de Universidade Federal do Pará - Solicitação de resposta | Atendimento foliões

**UFPA**

Adison F. Santos <adison.santos@ilc.ufpa.br>

Solicitação de resposta | Atendimento foliões

1 mensagem

Adison F. Santos <adison.santos@ilc.ufpa.br>
Para: catedral.nsr@gmail.com

23 de maio de 2022 17:23

Prezado pároco responsável pela Paróquia Nossa Senhora do Rosário,

Eu me chamo Adison Cesar Santos, sou jornalista e doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura (PPGCOM) da Universidade Federal do Pará. Estou produzindo uma pesquisa sobre as narrativas e memórias dos foliões das Comitivas de São Benedito de Bragança/PA. O motivo deste contato é para ouvir/saber o posicionamento da paróquia em relação às denúncias apresentadas pelos foliões durante a pesquisa de campo.

Em entrevistas realizadas com diversos integrantes das comitivas, eles informaram que não tiveram nenhum apoio da paróquia durante o período mais crítico da pandemia. Nos depoimentos, foram registrados casos de foliões que passaram por situações de extrema vulnerabilidade social, como falta de alimentação, por exemplo, e não receberam nenhum recurso financeiro ou ações de assistência social da paróquia responsável pela festividade de São Benedito.

Durante as entrevistas foram recorrentes a utilização de frases como *"Somos responsáveis por manter uma tradição cultural de mais de 200 anos em Bragança, mas fomos ignorados pelas autoridades do município durante a pandemia"*.

Nesse sentido, gostaria de ouvir/saber o posicionamento da paróquia em relação às denúncias apresentadas.

Desde já, agradeço pela atenção. E fico à disposição para maiores esclarecimentos.

Meu telefone para contato é (91) 99323-2054.

Atenciosamente,

--

Adison Cesar F. Santos
Universidade Federal do Pará - UFPA
Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCom)

ANEXO E – Solicitação de resposta direcionada à assessoria de comunicação da
Secretaria Municipal de Cultura de Bragança/PA.



Prezados colegas da Ascom,

Eu me chamo Adison Santos, sou jornalista e doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura (PPGCOM) da Universidade Federal do Pará. Estou produzindo uma pesquisa sobre as narrativas e memórias dos foliões das Comitivas de São Benedito de Bragança. O motivo deste contato é para ouvir/saber o posicionamento da Secretaria Municipal de Cultura em relação às denúncias apresentadas pelos foliões durante a pesquisa de campo.

Em entrevistas realizadas com diversos integrantes das comitivas, eles informaram que não tiveram nenhum apoio da Secretaria de Cultura de Bragança durante o período mais crônico da pandemia. Nos depoimentos, foram registrados casos de foliões que passaram por situações de extrema vulnerabilidade social, como falta de alimentação, por exemplo, e não receberam nenhum recurso financeiro ou ações de assistência social da pasta responsável pelas políticas culturais no município.

Durante as entrevistas foram recorrentes a utilização de frases como "Somos responsáveis por manter uma tradição cultural de mais de 200 anos em Bragança, mas fomos ignorados pelas autoridades do município durante a pandemia". Nesse sentido, gostaria de ouvir/saber o posicionamento da secretaria de cultura em relação às denúncias apresentadas.

Desde já, agradeço pela atenção. E fico à disposição para maiores esclarecimentos.

Atenciosamente,

Adison Cesar Santos.

ANEXO F – Estatuto da Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança.

Fonte: Diário Oficial do Estado do Pará, Diário da Justiça do Estado do Pará, ano X, número 2.649, Belém-PA – Domingo, 4 de maio de 1947.

**ESTATUTO DA IRMANDADE DO GLORIOSO SÃO
BENEDITO DE BRAGANÇA**

CAPÍTULO I

Da Irmandade e seus fins

Art 1º. A Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança, fundada em 1798, por iniciativa dos escravos dos moradores da antiga Vila de Bragança, conforme o seu primeiro “COMPROMISSO” firmado em 3 de setembro daquele ano, que até hoje existe, após a guarda do Procurador da Irmandade, tendo sido reorganizada em 10 de maio de 1853, data do seu segundo ‘COMPROMISSO’, aprovado pela competente “CARTA DE CONFIRMAÇÃO” passada pelo então Presidente da Província do Grão-Pará, Dr. Ângelo Custodio Correa, em 24 de Outubro de 1853, continuará a sua existência com a mesma denominação de IRMANDADE DO GLORIOSO SÃO BENEDITO DE BRAGANÇA, e as mesmas finalidades, dando-lhe por este Estatuto nova organização, atualizado-se de conformidade com o presente ambiente social, tornando-a sociedade civil, com personalidade jurídica e registrando-a de acordo com as leis vigentes do País.

Art 2º. A Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança, reorganizada pelo presente Estatuto, é uma sociedade civil, formada por sócios de ambos os sexos; terá duração ilimitada; as suas atividades serão dirigidas no Município de Bragança, tendo por sede esta cidade e por foro o desta Comarca.

Art 3º. A finalidade da Irmandade conforme os seus antigos “COMPROMISSOS”, continua a ser a de cultuar e venerar a vida gloriosa do seu Patrono, promovendo com toda a pompa a festividade de São Benedito, a 26 de Dezembro, todos os anos.

Art 4º. Para grandeza e pompa desta festividade, devem ser mantidas as mesmas condições.

Art. 5º. Dentro de suas finalidades a Irmandade, procurará manter as mesmas tradições de regosijo social pela sua existência e primitiva organização. Assim é que, tendo sido formado pelos primitivos irmãos uma organização profana de regosijo popular, que se denominou “MARUJADA” e que é a manifestação folclórica mais expressiva e genuinamente bragantina, será a mesma incorporação a sua organização, para melhor protegê-la e organizá-la da forma como trata o Capítulo V e artigos deste Estatuto.

CAPÍTULO II

Dos Irmãos, suas qualidades, deveres e direitos

Art. 6º. Irmandade se comporá de brasileiros, de ambos os sexos, de qualquer idade ou profissão, católico, e que por proposta de qualquer Irmão sejam aceitos pelo Conselho Permanente da Irmandade.

Parágrafo Único: Haverá na Secretaria da Irmandade um livro especial de assentamento e inscrição dos Irmãos.

Art 7º. Todos os Irmãos gozam dos mesmos direitos e têm os mesmos deveres a cumprir na Irmandade. São direitos dos Irmãos:

- a) Votar e ser votado na Assembléia Geral da Irmandade;
- b) Requerer sessão extraordinária da Assembléia Geral;
- c) Os Irmãos reconhecidamente pobres terão sepultamento por conta da Irmandade e missa celebrada no 7º ou 30º dia do seu falecimento, por sua intenção;

Art 8º. São deveres dos Irmãos:

- a) Aceitar os cargos administrativos da Irmandade, para os quais tenham sido eleitos;
- b) Zelar pelos direitos e bens da Irmandade;
- c) Pugnar pelos direitos sociais, zelando pela boa administração da Irmandade;
- d) Pagar a jóia no ato da admissão e sua anuidade pontualmente;
- e) Comparecer às sessões da Assembléia Geral ou às reuniões do Conselho Permanente ou da Diretoria da Festa ou do Conselho da Marujada, quando delas façam parte;
- f) O concorrer da melhor forma possível para o culto e festa do Glorioso São Benedito.

CAPÍTULO III

Da administração da Irmandade

Art 9º. São órgãos administrativos da Irmandade:

- a) Assembléia Geral;
- b) Conselho Permanente.

Art 10º. A Irmandade terá como órgão soberano a sua Assembléia Geral. Dois terços (2/3) dos sócios quites, reunidos em Assembléia Geral têm poderes absolutos para resolver sobre tudo o que diga respeito a Irmandade, sobre o seu Estatuto e casos omissos nele.

Parágrafo Único: A reforma deste Estatuto, na forma deste artigo, só poderá ser feita depois de cinco anos, após a aprovação em sessão da Assembléia Geral, especialmente convocada para este fim.

Art 11º. A Assembléia Geral se reunirá ordinariamente uma vez por ano, no primeiro domingo que anteceder o dia da festa, e extraordinariamente toda vez que o Conselho Permanente o convocar ou quando, dez por cento (10%) dos sócios quites, em petição dirigida ao Conselho Permanente, solicitarem convocação e declararem os motivos da mesma.

Parágrafo Único: Na sessão ordinária a Assembléia Geral tomará conhecimento principalmente do movimento financeiro da Irmandade, inclusive aprovação de conta; dos principais atos do Conselho Permanente, da Diretoria da Festa, para o ano seguinte; e serão discutidos os demais assuntos concernente à Irmandade.

Art 12º. O Conselho Permanente será eleito pela Assembléia Geral com tempo indeterminado de mandato. O Conselho Permanente será assim um órgão administrativo de imediata confiança da Assembléia Geral, podendo qualquer um dos seus membros ou o Conselho no conjunto ser substituído, quando a Assembléia Geral, especialmente convocada para este fim, resolver por maioria, presentes dois terços (2/3) de sócios quites.

Parágrafo Único: Quando ocorrer a substituição acima referida, ou por falecimento, será imediatamente feita nova eleição.

Art 13º. O Conselho Permanente se compõe, dos seguintes membros:

Procurador

Secretário

Cinco mesários

§ 1º. Ao Conselho Permanente cabe superintender a administração geral da Irmandade.

§ 2º. Somente à Assembléia Geral cabe conhecer e decidir sobre os atos do Conselho Permanente.

Art 14º. O Conselho Permanente se reunirá ordinariamente uma vez por mês e extraordinariamente toda vez que o Procurador convocar. As suas resoluções serão tomadas quando, presente pelo menos, quatro dos seus membros.

Art 15º. O Conselho Permanente é a mesa da Assembléia Geral, sendo o seu presidente o Procurador, que é também o Presidente do Conselho Permanente. Este será substituído em seus impedimentos, pelo Secretário, chamando-se para as substituições, os mesários, na ordem de sua classificação, dada pela eleição.

Art 16º. As eleições tanto podem ser feitas por aclamação como por votação em cédula, conforme determinar para cada caso, a Assembléia Geral.

Art 17º. Ao Conselho Permanente cabe:

- a) Zelar pela inteira observância deste Estatuto;
- b) Administrar fielmente o patrimônio da Irmandade;
- c) Fixar as despesas, organizando um orçamento anual;
- d) Aprovar ou rejeitar o orçamento e demais atos da Diretoria da festa;
- e) Nomear administrador, zelador e vaqueiro de seu patrimônio;
- f) Nomear os andadores da Irmandade;
- g) Nomear o sacristão da Igreja da Irmandade.

Art 18º. O Conselho Permanente não poderá alienar, por qualquer título, ou gravar com quaisquer ônus as propriedades e os bens da Irmandade sem prévia autorização da Assembléia Geral; quando especialmente convocada para esse fim, dará ou não autorização, conhecendo da sua utilidade ou necessidade, de acordo com o que for exposto.

Art 19º. Os membros do Conselho Permanente ou seus auxiliares que concorrem para a transgressão do artigo precedente, ficam solidariamente responsáveis para com a Irmandade, por todas as perdas e danos que lhe causarem, sem embargo da nulidade dos atos praticados e da ação judicial e penas cominada em que incorrerem.

Do Procurador:

Art 20°. O Procurador tanto nas reuniões do Conselho Permanente, como nas sessões da Assembléia Geral, funcionará como Presidente da mesa, e como tal terá as seguintes atribuições, que são privativas da função que exerce:

- a) Presidir as sessões da Assembléia Geral e as reuniões do Conselho Permanente;
- b) Conhecer e apôr o visto em todos os papéis do expediente, administrativos e contas da Irmandade;
- c) Convocar as sessões da Assembléia Geral e reuniões do Conselho Permanente;
- d) Cumprir e fazer cumprir as deliberações da Assembléia Geral e do Conselho Permanente;
- e) Administrar a Irmandade e todo o seu patrimônio de acordo com o presente Estatuto e deliberação do Conselho Permanente e da Assembléia Geral, dando conhecimento dos seus atos aqueles órgãos administrativos;
- f) Autorizar e pagar as despesas feitas pela Irmandade;
- g) Guardar os valores e saldos da Irmandade, sendo o responsável direto de tais valores e fazendo a necessária escrituração;
- h) Procurar cumprir o orçamento fixado, afastando-se o menos possível dele, mas podendo autorizar as despesas não consignadas e urgentes, mas disso dando ciência ao Conselho Permanente, na sua primeira reunião;
- i) Assistir ao Conselho da Marujada, quando necessário.

Art 21°. O procurador é o responsável legal da Irmandade em juízo ou fora dele.

Do Secretário

Art 22°. Ao Secretário compete:

- a) Preparar o expediente e atas da Assembléia Geral e Conselho Permanente;
- b) Ler as atas nas sessões da Assembléia Geral e reuniões do Conselho Permanente;
- c) Manter o expediente e os livros da Irmandade em dias e em perfeita ordem;
- d) Substituir o procurador nos seus impedimentos.

Dos Mesários

Art 23°. Os mesários em número de inço (5) compõem a mesa administrativa da Irmandade, sendo os substitutos diretos do Procurador e do Secretário ou de ambos, nos seus impedimentos.

Art 24°. Os mesários, na chapa da eleição que os tenham elegido, receberão numeração em ordem crescente de 1 a 5.

Parágrafo Único: Esta numeração e ordem será mantida para efeito das substituições, que deverão se processar na mesma ordem.

Art 25°. Aos mesários, como membros que são do Conselho Permanente, lhe cabe unção administrativa igual e solidária com os demais membros desse órgão.

CAPÍTULO IV

Da Festa e outros atos religiosos

Art 26°. A Festa do Gloriosos São Benedito, se fará na igreja da Irmandade, todos os anos, no dia 26 de dezembro, com o maior brilhantismo e pompa possíveis.

Art 27°. A festividade constará de novenário ou tríduo, missa solene e procissão.

Art 28°. A festa será dirigida por uma Diretoria conforme o estabelecido neste Estatuto.

Art 29°. A Diretoria da Festa deverá ter anualmente os devidos entendimento ou com o Arcebispado de Belém, ou com o Bispo de Bragança, ou com os padres da paróquia, para a realização dos atos religiosos que se efetuarem na Igreja da Irmandade, não se devendo poupar esforços no sentido de que os ditos atos religiosos, dentro do ritual cristão, sejam realizados com o maior brilhantismo possível.

Art 30°. A Diretoria da Festa é eleita anualmente pela Assembléia Geral e se comporá dos seguintes membros: Juiz, Juíza, Secretário, Tesoureiro, Cinco Mordomos e Cinco Mordomas.

Parágrafo Único: Como auxiliares e contribuintes, poderá haver um número ilimitado de juizes e juizas de promessas, honorários ou beneméritos, assim como mordomos e mordomas.

Art 31°. Os componentes da Diretoria da Festa são eleitos dentre os sócios da Irmandade. Os juizes ou juizas e mordomos ou mordomas de que trata o parágrafo único do art. precedente,

são escolhidos ou aclamados pela Assembléia Geral, dentre as pessoas gradas e de maior destaque que aceitem tais encargos, sócios ou não da Irmandade.

Art 32°. Cabe a Diretoria da Festa: organizar o orçamento da festa e submetê-lo a aprovação do Conselho Permanente; esforçar-se para o maior brilhantismo possível da festa; promover toda a sorte de esforço no sentido de aumentar a renda da festa para que haja sempre saldo; administrar e promover as festividades tanto profanas como as religiosas de acordo com o encarregado de as realizar.

Art 33°. O Juiz é o Presidente da Festa e a Juíza é o seu vice-presidente.

Art 34°. Ao Juiz-presidente da Diretoria da Festa, compete: dirigir os trabalhos da Diretoria da Festa, cumprir e fazer cumprir as resoluções da mesma depois de devidamente aprovadas pelo Conselho Permanente; autorizar o tesoureiro a fazer as despesas e a apresentar relatório no fim do seu mandato.

Parágrafo Único: A Juíza, como vice-presidente da Diretoria da Festa, cabe substituir o juiz nos seus impedimentos.

Art 35°. O Secretário se encarregará do expediente e das atas das reuniões da Diretoria da Festa, escriturando-as no livro próprio.

Art 36°. O Tesoureiro se encarregará de receber o dinheiro necessário às despesas consignadas no orçamento para com ela realizar as despesas da festa; deverá manter os livros de escrituração, próprios da Diretoria da Festa, em dias e em perfeita ordem; ajudará o procurador na escrituração geral do movimento financeiro da Irmandade; e finalmente, apresentará o balancete que juntará ao relatório do juiz-presidente.

Art 37°. Os cinco mordomos e as cinco mordomas que compõem a mesa administrativa da Diretoria da Festa são os substitutos diretos do juiz, juíza, secretário e tesoureiro, pela ordem da idade dos mesmos.

Art 38°. Só poderá entrar em execução os atos da Diretoria da Festa, com aprovação do Conselho Permanente.

Art 39°. Ao Conselho Permanente cabe intervir na Diretoria da Festa, toda vez que esta não dê execução plena aos atos aprovados pelo Conselho Permanente ou ainda quando exorbite de suas funções.

Art 40°. O procurador do Conselho Permanente é membro nato da Diretoria da Festa, podendo votar e discutir os assuntos.

CAPÍTULO V

Da Marujada

Art 41°. A Marujada, organização tradicional da Irmandade, será constituída pelos mesmos elementos ou seus descendentes que a vem mantendo deste longa data.

Art 42°. A organização interna da Marujada é de exclusiva competência do Conselho da mesma.

Art 43°. O Conselho da Marujada é o órgão da administração da Marujada. Ele se compõe de uma “Capitoa” e de seis membros.

Art 44°. Fica mantida a atual “Capitoa” no Conselho da Marujada a quem compete escolher os seis membros do Conselho, numeradas em ordem crescente de 1 a 6.

Parágrafo Único: As substituições obedecerão à ordem numérica dos membros do Conselho.

Art 45°. Somente nos casos de falecimento ou renúncia se processará uma substituição definitiva, como acima ficou dito no parágrafo único do Art. 44°. Nesse caso a “Capitoa” escolherá novo membro do Conselho que tomará o último número.

Art 46°. A “Capitoa” administrará a Marujada da melhor forma possível, de comum acordo com os demais membros do Conselho.

Art 47°. Deverá ser procuração do Conselho de Marujada a construção de uma “barraca”, permanente, e bem construída para as suas reuniões e festas, guardar material, etc.

Art 48°. Do orçamento anual da Diretoria da Festa deverá constar um auxílio à Marujada, que não deverá ser inferior a dez por cento (10%), da renda orçada.

Art 49°. Do saldo anual da festa, dez por cento (10%), deverá torna-se fundo de reserva da Marujada.

Art 50°. O Conselho da Marujada deverá ter livros próprios não somente de atas das suas reuniões como de escrituração de valores, os quais devem ficar a guarda do Secretário do Conselho Permanente.

Art 51°. O secretário do Conselho Permanente deverá estar presente as reuniões do Conselho da Marujada não somente para auxiliá-los como para informar no Conselho Permanente do que ocorrer.

CAPÍTULO VI

Dos auxiliares administrativos

Art 52°. São andadores os responsáveis pela realização e arrecadação das esmolas feitas pela população bragantina ao Glorioso São Benedito. Os andadores para melhor realização e sua função, poderão convidar pessoas de confiança para que lhes ajudem nesse mister.

Art 53°. O Conselho Permanente nomeará tantos andadores quantos foram necessários devendo sempre recair essas nomeações em pessoas de inteira confiança do mesmo Conselho.

Art 54°. A cada um dos andadores será fornecido anualmente, um livro especial para registro de dádivas e esmolas, o qual será rubricado pelo procurador.

Art 55°. Os andadores prestarão contas ao procurador e este ao Conselho Permanente.

Art 56°. A Igreja da Irmandade terá um sacristão, de nomeação do Conselho Permanente, ao qual compete: manter o asseio e limpeza da igreja; abrir e fechar a igreja; tocar os sinos para a chamada dos fiéis, quando preciso, nas solenidades religiosas e falecimentos; zelar, guardar e responsabilizar-se pelas alfaias, paramentas e tudo o mais que estiver dentro da igreja do patrimônio ou não da Irmandade.

CAPÍTULO VII

Do patrimônio da Irmandade

Art 57°. Constituíra patrimônio da Irmandade as jóias de admissão e as mensalidades dos Irmãos, as esmolas arrecadadas, as dádivas, ofertas e promessas feitas ao Gloriosos São Benedito e entregues à Irmandade; as coletas e entregas espontâneas de esmolas feitas dentro da sua igreja; os depósitos feitos nos Bancos e Casas Bancárias, feitas em nome da Irmandade; os saldos verificados nos balancetes da diretoria da Festa, e entregues ao Conselho Permanente; os saldos existentes em mão do Procurador ou Tesoureiro; assim como tudo mais, imóveis, móveis e semoventes que entrar em inventário e consta do livro próprio, inclusive sua fazenda de gado, e quando da aprovação do presente Estatuto.

Art 58°. Os novos Irmãos aceitos pagarão a jóia de Cr\$ 5,00, e todos os Irmãos da Marujada pagarão a anuidade de Cr\$ 2,00, que poderão ser pagos de uma só vez ou mensalmente.

Art 59°. Para cada fonte de receita da Irmandade deverá ter um livro próprio como o respectivo título, para assentamento e escrituração dos valores recebidos.

Art 60°. A Igreja de São Benedito de Bragança, que é patrimônio da Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança, para realização da sua festa ou de outros atos religiosos, convidará os padres da paróquia ou não para a realização os mesmos atos.

Art 61°. A administração da Igreja, como propriedades da Irmandade, cabe inteiramente ao Conselho Permanente e ao seu preposto o sacristão.

Art 62°. Ao Conselho Permanente cabe todos as providências, no sentido de manter a Igreja sempre debelo aspecto, tornando-a em boas condições higiênicas, procurando melhorá-la e dotá-la, tornando-a cada vez do patrimônio mais valioso.

Art 63°. A Fazenda de São Benedito, situada nos campos deste município, faz parte do patrimônio da Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança.

Art 64°. O responsável pela dita fazenda deve ser pessoa de inteira confiança do Procurador e do Conselho Permanente, que o nomeará.

Art 65°. A Fazenda do santo deverá ter os livros próprios da escrituração, inventário, carga e descarga de animais e bens, além de outros julgados necessários.

CAPÍTULO VIII

Dos sufrágios

Art 66°. Os sócios da Irmandade, avisados do falecimento de um Irmão, devem comparecer a cada do falecido e acompanhar os seus restos mortais ao cemitério onde for sepultado.

Art 67°. A Irmandade fará o sepultamento do Irmão reconhecidamente pobre e mandará rezar missa pelo 7° ou 30° dia do falecimento de qualquer sócio, devendo esta missa ser assistida pelo maior número possível de Irmãos, que para tal deverão ser avisados.

Art 68°. No Domingo seguinte ao dia da festa, será mandado celebrar missa com Libera-me, por alma dos Irmãos falecidos.

CAPÍTULO IX

Disposições Gerais

Art 69°. A sede da Irmandade funcionará numa das dependências da sua igreja, previamente escolhida e destinada a esse fim.

Art 70°. A Irmandade deverá ter todos os livros necessários para a escrituração geral.

Art 71°. Todos os órgãos e pessoas que tenham movimento financeiro, ou tenham sob sua guarda valores do patrimônio da Irmandade, são obrigados a remeter semanalmente as suas contas discriminadas, para efeito de escrituração geral dos livros da Irmandade.

Art 72°. O Procurador é obrigado a apresentar ao Conselho Permanente o balancete semestral e o balanço anual do movimento geral da Irmandade.

Art 73°. A Irmandade deverá ter além dos livros de escrituração mercantil e de outros já especificados, também um livro de inventário para registro anual do patrimônio da

Irmandade.

Bragança, 7 de julho de 1946.

Este estatuto foi aprovado pela assembléia Geral da Irmandade do Glorioso são Benedito de Bragança, em sessão realizada em 7 de julho de 1946.

Flodoaldo de Oliveira Teixeira
Benedito Augusto César
Luiz Paulino dos Santos Mártires
Tomaz dos Santos Martins
José Uraían Pereira Cardoso
Raimundo Arsênio Pinheiro da Costa
Raimundo Antônio dos Santos
Serapião Mota
Sebastião Sancho Barbosa
Manoel Inácio Martins Pereira
Sebastião Lopes de Aviz
A rogo de Vitalina Pinheiro de Jesus
Raimundo Arsênio Pinheiro da Costa
Maria Augustinha da Conceição
A rogo de Jorge Francisco da silva
Hilário Epifânio de Oliveira
Joaquim Antônio do Rosário
Cândida Maria de Mercês
Raimundo Pinheiro Arsênio da Costa
Benedito Alves da Silva
Raimundo Sete
Odorico Antônio do Nascimento
Raimundo Mescouto

(Estas assinaturas estão devidamente reconhecidas pelo Tabelião Antônio Miranda – Bragança)